

O DESPERTADOR DOS SENTIDOS

ALEX
BACHEGA

Ilustrações de
**LUNA
BUSCHINELLI**

BLKDIGITAL



ALEX BACHEGA

O DES PER TA DOR^{DOS} SENTIDOS

1ª Edição

Ble Digital
Campo Grande-MS
2017

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

É PRECISO AGRADECER

DUZENTOS MIL ANOS

LUNA BUSCHINELLI

CAP.1: ARMADILHA EM ARIDEX

CAP.2: O GRANDE GUARDIÃO

CAP.3: O POETA HUMANNOEL

CAP.4: O CHAMADO

CAP.5: A VIAGEM ESTELAR

CAP.6: CHEGADA EM ARIDEX

CAP.7: O PRIMEIRO ENCONTRO

CAP.8: O PLANO DOS ABRAÇOS

CAP.9: APRENDENDO COM AS CORUJAS

CAP.10: O DESPERTADOR DOS SENTIDOS

CAP.11: OS SENTIMENTOS

CAP.12: O ÚLTIMO ENCONTRO

CAP.13: A MEDALHA

ALEX BACHEGA

APRESENTAÇÃO

O livro é uma ficção de cunho educativo, escrito com a intenção de ser uma ferramenta paradidática do projeto de educação emocional "O Despertador dos Sentidos". A história se passa em um planeta, localizado em outra galáxia, chamado Aridex. Os habitantes desse planeta viviam fechados em caixas tecnológicas, com janelas virtuais. Recebiam uma garrafa de oxigênio, com uma pequena muda que sobrevivia apenas sete dias, além de pílulas nutritivas e água. Passavam o tempo todo mergulhados no mundo virtual.

A narrativa tem a intenção de despertar a reflexão sobre a falta de contato com a realidade, acarretada pelo isolamento social e pela virtualização das relações, o que dificulta a formação de vínculos e a transmissão de valores e gerar grandes impactos, como extinção de várias espécies de vida, mudanças climáticas, racionamento de água, desequilíbrio da natureza e vazio de sentido.

Em Aridex, em razão da falta de contato com a realidade dos seus moradores, batizados de devorex, começaram a faltar, de "um dia para o outro", as garrafas de oxigênio e água, desencadeando uma guerra pela sobrevivência. Para socorrer Aridex, um jovem poeta, inspirado nos ensinamentos dos poetas da Terra, e, em especial, na poesia de Manoel de Barros, chamado Humannoel, é convocado pela Legião de Cuidadores para ensinar os

devorex a reencontrarem o caminho de volta para o coração.

Aos poucos, o jovem poeta ensina, por meio do encontro nas rodas de conhecimento, a despertar para o mundo real e dos sentimentos, como alegria, medo, raiva e tristeza. Nas rodas, os valores são debatidos, as experiências são vividas, sentidas, percebidas e verbalizadas por intermédio das interações entre seus participantes. Este livro é uma viagem metafórica que convida os leitores a refletirem sobre suas relações com o mundo e as pessoas.

É PRECISO AGRADECER...

É preciso agradecer primeiro a DEUS pela minha vida e família nuclear: meus pais, Maria Creusa e Leonildo, minha irmã Aline e os meus avós.

É preciso agradecer à pessoa que divide e se gasta comigo na realização dos sonhos: minha esposa Carla, amiga e companheira de todas as horas. Na construção deste livro, ela é parte e coautora. Sem ela não conseguiria fazê-lo, não teria chegado ao fim. Muito obrigado, meu amor, pela paciência e pelo apoio.

É preciso agradecer às pessoas que me motivaram e motivam a seguir, meus filhos: Mariana, Ana Clara e Lucas, e os meus sobrinhos: Nathalia, Beatriz, Gabriel e Maria Victoria.

É preciso agradecer às pessoas-chave, que abrem portas para novos horizontes. Meu amigo Oscar de La Rubia e ao Mircherd Júnior que foram os primeiros a acreditarem neste projeto desde seu rascunho.

É preciso agradecer aos amigos que emprestam e ensinam generosamente seus conhecimentos: Lara Scalise e Rodrigo Abdo, que compartilharam comigo o nome do herói deste livro, “Humannoel”, que é o nome do mascote do Programa de Humanização SOMHUS, que construímos juntos e muito me inspirou neste livro.

É preciso agradecer aos amigos que dizem a verdade com carinho e amor: Linda Benitez, Renata do Valle, Oswaldo Rezende Júnior, Luiz Felipe Dias, Hamilton Medeiros, Ana Karla Loureiro, Sandra Mara Navarro, Samy Nayef, Valmir Mota, Silvia Alencar, Luely Moraes, Tércia Medeiros, Gilciene Araújo, Rayane Schunke, Heyder Bartz, Teófilo Teló e muitas pessoas que me ajudaram com suas opiniões, observações e suporte.

É preciso agradecer aos grandes escritores, poetas e educadores. Rendo minhas homenagens a Manoel de Barros, Adélia Prado, Rubem Alves, Cora Coralina, João Guimarães Rosa, Jorge Ponciano Ribeiro, Alessandro Spangenberg e, em especial, ao Prof. Celso Antunes que, além de inspirar-me, generosamente prefaciou este livro.

É preciso agradecer a Luna Buschinelli que aceitou ilustrar esta pequena obra, com generosidade e talento, imprimindo nestas páginas através dos seus traços e cores sua arte de beleza poética sem igual.

Por fim, e com muito carinho, agradeço ao meu amigo, confidente e escritor Raul Pache Paiva.

DUZENTOS MIL ANOS

Há duzentos mil anos andávamos pelas savanas. Nas noites frias acendíamos fogueiras e as cavernas timidamente nos abrigavam. Durante o dia, os machos, em bandos, saíam para a caça. Não havia escola, mas as crianças já eram educadas. A fragilidade extrema da espécie aos perigos imensos da sobrevivência, impunham a todos uma dura aprendizagem. Era aprender ou morrer.

Essa aprendizagem aperfeiçoava todos os limites do paladar e do olfato. Os alimentos eram raros e os venenos múltiplos e, por isso, tudo quanto nos alimentava necessitava ser cheirado e sentido. Além da carne, comiam-se raízes e mastigavam-se ervas, mas qualquer engano nessa procura era fatal. A audição não descansava e se aprimorava na percepção de ruídos, na identificação de seus avisos, e qualquer descuido nos transformava de caçador em caça. Não podia haver momentos de descanso e, mesmo se o corpo fatigado buscava a pedra e a sombra, os sentidos estavam atentos e alerta. A visão se aperfeiçoava ao limite e era essencial perceber amigos e inimigos e, por isso, sempre que possível não dispensava o tato. A única e essencial educação era a aprendizagem dos sentidos e seu domínio ilimitado nos fazia vítimas ou sobreviventes. Sobrevivemos.

Com a evolução da espécie tudo se transformou. Aos poucos as rodas substituíam jornadas a pé, a domesticação de animais ampliava a força e, tempos depois, chegaram as máquinas e estas nos levaram a dominar o ar, conquistar a terra e subjugar os mares. Os sentidos, antes essenciais, tinham agora condições anexas, que para quase nada serviam. A educação ganhou espaço, alargou o mundo e criou formas sofisticadas de informação. Não era mais necessário ensinar a andar com prudência, ouvir e tatear com atenção, degustar com sentido, descobrir no olhar estratégia vital.

Mais recentemente, os mesmos progressos nos levaram a abrir o cérebro e descobrir a mente, compreender os segredos do pensamento e as armadilhas das emoções. Neste sentido, o projeto que este livro abriga é mais um bom capítulo nessa educação.

O herói da história é uma inteligente fusão entre aprender a fazer-se verdadeiramente humano e o pensamento e a obra de Manoel de Barros, que por meio de metáforas nunca renunciou a ampliação de nossos sentidos, a administração de nossas emoções.

Um livro para ler, reler, pensar...

CELSONO
ANTUNES

Mestre em Ciências Humanas,

especialista em Inteligência e Cognição e autor de diversos livros educacionais.

LUNA

BUSCHINELLI

JOVEM, ARTISTA, GRAFITEIRA E ILUSTRADORA
QUE COMEÇOU A COLORIR AS RUAS DE SÃO PAULO
AOS 15 ANOS. NAS RUAS OU NO CANVAS,
SEU TRABALHO IMPRIME UM UNIVERSO PARALELO
E CARREGA A MAIS PURA POESIA.



CAP.1

ARMADILHA EM ARiDEX

Era uma vez, numa outra galáxia muito distante, um planeta chamado Aridex. Ali viviam os Devorex, uma espécie parecida com a humana, porém milhares de anos mais antiga.

Naquele planeta, as condições de vida eram diferentes das da Terra. As plantas só existiam engarrafadas, em forma de pequenas mudas, e não duravam mais que sete dias. O oxigênio produzido por elas era vendido em pequenas garrafas, com tubos e máscara acoplados, para levar o ar direto ao nariz.

As histórias arquivadas pelos ancestrais dos devorex contavam que, no passado, o planeta era cheio de árvores, pássaros, rios e cachoeiras de água cristalina. Com o passar

dos anos, eles devoraram tudo que viam pela frente, para se sentir bem, e o planeta tornou-se árido. Por conta disso, a água passou a ser racionada.

Os devorex podiam fazer o que quisessem em nome da liberdade: cortar as árvores para fazer caixas tecnológicas, destruir montanhas para extrair ferro de fazer máquinas e, quando algo não servia mais, descartavam em qualquer lugar, na terra ou nos rios. O mais importante de tudo era manter as máquinas ligadas e serem livres.

Estes seres devoradores eram especialistas em criar novas tecnologias. Criaram pequenas máquinas de conexão virtual e janelas tecnológicas que funcionavam ao toque dos dedos e tinham um poder mágico: aproximavam os que estavam distantes e distanciavam os que estavam perto.

Com o tempo, essa tecnologia de rede evoluiu tanto que os habitantes de Aridex praticamente passaram a viver fechados, dentro dessas pequenas caixas. Elas transmitiam imagens ao vivo de outros mundos. Sempre que desejassem, era possível ver o nascer do sol ou a aparição de um astro em qualquer ponto dos confins da galáxia. Bastava olhar através de suas janelas virtuais.

Os habitantes de lá eram tão inteligentes que viviam tornando suas máquinas mais rápidas e potentes. No curto ciclo de três meses, trocavam as velhas por novas. O único problema é que, apesar de tanta evolução, não sabiam o que fazer com as usadas e, por isso, acumulavam pilhas e pilhas de lixo tecnológico.



Tudo aquilo que um dia resolveram, graças à ciência, ao conhecimento e à sabedoria, foi se perdendo. A energia vital das espécies de Aridex foi devorada e sugada pelas máquinas. O uso contínuo da tecnologia congelava o coração dos devorex, resfriava seus corpos, tornando-os seres frios e mecânicos. Sem perceber, suas almas foram aprisionadas pelo mundo virtual, que tinha um colorido que não era real. Na verdade, os devorex gostavam cada vez mais de suas janelas e não conseguiam viver sem seus aparelhos de conexão. Tinham tanto prazer com o mundo virtual que se acostumaram a viver em seus mundos de mentirinha.



Quando perceberam que as garrafas de oxigênio e de água estavam se esgotando, entraram em pânico. Mergulharam, então, na pior crise de sua história. Pela primeira vez, se deram conta de que haviam transformado seu planeta num mundo artificial. Praticamente sem recursos naturais, e sem saber o que fazer, tinham de tomar medidas drásticas pra que o pouco de vida que restava não acabasse de vez.

Mas a impaciência e a velocidade estavam no DNA dos devorex. Desesperados, entraram numa guerra obscura, que se arrastou por anos a fio, até que uma LUZ de esperança brilhasse e a paz novamente reinasse.

CAP. 2

O GRANDE GUARDIÃO

Não entendia como seres tão inteligentes puderam devorar tão avidamente toda a vida que os cercava e a si próprios.

Para piorar, não bastasse a crise de recursos, ainda estavam em guerra. Uma guerra tecnológica que matava Aridex aos poucos. Justo esse planeta que bilhões de anos atrás, quando nasceu, fora batizado pelo Grande Guardião de planeta AR, exatamente por conta da qualidade e da abundância de oxigênio que ali havia. Era o mais puro ar das galáxias, porém o consumo descontrolado acabou por fazer de todo seu território um imenso deserto e, desde então, foram acrescentadas mais quatro letras ao nome do planeta AR. Assim, ele passou a ser chamado de A-R-I-D-E-X.

Vendo o tamanho do problema, o Grande Guardião convocou uma reunião emergencial com a Legião de Cuidadores. Queria saber quem entre os legionários poderia ajudá-lo a salvar Aridex. Começou, então, a reunião foi

explicada a situação e a primeira a levantar a mão foi a Cuidadora do Verde:

— Grande Guardiã, meu amigo Jardineiro. Estou pronta pra cumprir a minha missão e espalhar o verde em Aridex. Com o Cuidador das Águas, que providencia a chuva, podemos levar água e oxigênio por meio das plantas que vou semear por todo o Aridex. Dessa forma, logo essa guerra terá fim e a paz voltará ao planeta!

O Grande Guardiã pensou, refletiu e disse:

— Pode resolver por um tempo, mas, se continuarem como estão, devorarão tudo novamente. Eles não usam mais a totalidade de seus sentidos pra fazer conexão com a realidade. Não percebem o que estão fazendo e voltarão a guerrear.

Segundos depois, olhando para Aridex, outro cuidador levantou a mão e disse:

— Eu, como Cuidador da Medicina, posso curá-los desse mal. Usarei remédios ultrapotentes, preparados com o fim de diminuir a fome e a agressividade, o que os tornará mais calmos, menos devoradores. Também preparei um remédio para distrair a mente deles, o que diminuirá a dependência mecânica.

— Cuidador da Medicina, sei da sua capacidade de curá-los dessa voracidade. O uso de remédios pode resolver por um tempo determinado, mas temo pelo efeito colateral que possam produzir. Diminuindo a fome e o desejo, talvez diminuirá, também, a vontade de viver — disse o Grande Guardiã.

Ele sabia que os devorex precisavam justamente sentir fome de vida verdadeira e que, movidos por essa necessidade, sairiam de suas caixas tecnológicas para reconstruir o planeta e resgatar o contato com a realidade. A esperança era que voltassem a encontrar o sentido da existência usando as suas próprias pernas e os sentidos de conexão.

Em seguida, o Grande Guardião acrescentou:



— Temo ainda que o remédio tenha efeito passageiro. Tão logo acabe, eles percebiam que tudo não passou de uma grande ilusão e voltem à estaca zero. A vida precisa seguir o seu curso natural. Precisamos de uma intermediação para guiá-los sem o nosso contato direto. Desse modo não ficarão assustados nem acostumados com a nossa presença. Mas como?

Depois de inúmeras sugestões, o Cuidador dos Sentidos deu um sorriso digno de quem teve uma ideia brilhante e se pronunciou:

— Acho que tenho a solução. Existe um planeta cheio de H₂O, onde mora o ser ideal para essa missão. Trata-se de um organismo complexo, que utiliza cinco ferramentas de sentir o mundo que podem funcionar simultaneamente pra despertar uma consciência maior por intermédio dos sentidos. Esse ser vive em harmonia com a natureza e a atmosfera de seu habitat lembra muito a de Aridex, nos tempos em que ainda se chamava AR.

Complementando, disse o Grande Guardião:

— Mas acredito que vamos ter um único problema: conseguir tirá-lo da casa onde mora, que fica em cima da árvore. Ele não gosta de viajar, muito menos em naves espaciais. Acredita que as naves andam tão rápido, que tem medo de seu corpo ir e sua alma ficar pra trás. Diz, inclusive, que só vive de verdade quem “vive o presente no presente”. Mas, segundo ele, pra isso acontecer é preciso que alma e coração estejam onde o corpo está.

O Grande Guardião fez uma pausa e voltou a argumentar:

— Às vezes, quando se tem pressa e pouca paciência, quando se quer que tudo aconteça rápido demais, dá nisso aí: o corpo vai, mas a alma não acompanha o ritmo e a velocidade. Então, o que fica é a sensação de vazio, uma coisa ruim no peito, uma viciosa insatisfação.

Nesse instante, o Cuidador da Curiosidade irrompeu todo curioso:

— E quem é esse ser de quem nunca ouvi falar? O que ele faz de tão especial?

CAP.3

O POETA
HUMANNODEL



A expectativa transbordava no olhar de cada cuidador na roda da criatividade.

Todos ansiavam por saber mais sobre o tal ser, até que o Grande Guardião, animado, revelou:

— O nome dele é Humannoel. Um brincador de palavras. Um jovem poeta da tradição dos grandes poetas da Terra: Cora Coralina, Fernando Pessoa, Adélia Prado, Manoel de Barros, Cecília Meireles e tantos outros. Não sei se vocês

sabem, mas os poetas veem e sentem o que muitos deixaram de ver e sentir.

Dito isso, um grande silêncio se fez, interrompido pelo Cuidador das Palavras, que acrescentou:

— Sabem bem como usar os sentidos pra reencontrar o caminho de volta pra casa. Como os pássaros! Sabem, como ninguém, encontrar o ninho do coração, porque é lá que os sentimentos são chocados e nascem.

O Grande Guardião prosseguiu sua consideração:

— A solução mais lógica e poética seria contarmos com a ajuda de Humannoel. Acredito que, em contato com um ser de outro planeta, sobretudo um planeta milhões de anos mais jovem, que preserva a sabedoria das crianças e a força da juventude, os devorex reaprenderão a usar a totalidade de seus sentidos de conexão com a realidade.

Concluiu a Cuidadora das Virtudes:

— E aprenderão uma grande lição: a não menosprezar seres de diferentes culturas que possam lhes ensinar grandes valores.

Impassível, e sempre ponderado, o Cuidador da Razão, que a tudo ouvia calado, retrucou:

— Bonitas palavras. Mas não sei dizer se vai funcionar. Essa coisa de poesia é pros românticos. E a gente sabe que, numa guerra, românticos são pessoas frágeis, que não podem ajudar muito, não. Como acredita que um jovem e humilde poeta poderá acabar com uma guerra tecnológica como essa em Aridex?

O Grande Guardião replicou:

— Justamente por não ser arrogante nem autossuficiente, não se acha todo-poderoso. Sabe viver em harmonia com as espécies. Sabe que é preciso cuidar dos outros, que um depende do outro. Sabe que, quando um deixa de dar atenção ao próximo, a destruição de todos virá certa. Por ter um coração humilde, vê beleza e amor em todas as coisas. No meio da lama encontra um tesouro. Exercita o olhar de garimpeiro.

A Cuidadora da Memória então pediu a palavra:

— Tenho memorizado e contemplado esse jovem poeta. No meu guardador de memórias, percebi que Humannoel tem um coração que me lembra o de outro grande poeta: Carlitos, que espalhou leveza e alegria onde só havia dor e lágrimas por conta de uma guerra suja e cruel, assim como a que Aridex enfrenta hoje! Tenho fé que Humannoel consiga algo parecido com os devorex — concluiu, otimista.

Imediatamente após sua explanação, a Cuidadora da Memória compartilhou com os demais legionários imagens de Humannoel na Terra. Lá estava ele, em contato com a natureza na sua casa da árvore. Tiveram acesso, também, às poesias escritas por ele e por seus Mestres. Os cuidadores comoveram-se com todas aquelas imagens e, finalmente, deixaram-se convencer de que a esperança de Aridex estava nas mãos daquele jovem humano.

Filho de um planeta com muitos defeitos e que também atravessava momentos difíceis, os cuidadores perceberam que, ao contrário dos devorex, alguns humanos lutavam para manter valores essenciais. Viviam com simplicidade, utilizavam os avanços tecnológicos para facilitar suas vidas

e não abriam mão de um tempo para cuidar do que realmente importava.

Ao encerrar a reunião, o Grande Guardião anunciou sua decisão:

— Vou pegar minha nave espacial, a Sementeira. Vou partir pro planeta Terra antes que seja tarde demais pros devorex e a vida termine em Aridex...

CAP. 4

O CHAMADO

O Grande Guardião viajou com sua nave até a floresta onde Humannoel morava.

Contemplou o rio que refletia o céu e que fazia daquele lugar um verdadeiro paraíso. Ali, naquele imenso espelho d'água, o céu se espraiava na terra, e a terra no céu. Pousou a Sementeira num batume, que lembrava um heliporto.

“Enfim, cores reais”, pensou o Grande Guardião, enquanto se aproximava, mansamente, da árvore onde ficava a casa do jovem poeta. Aliás, missão quase impossível, diante de tantas piúvas cobertas de flores, algumas rosas, outras amarelas. Enormes figueiras também despontavam ao redor do local como torres naturais e cobriam boa parte daquela extensão territorial. Sem sucesso em sua tentativa de visualizar a casa do poeta, o Grande Guardião decidiu apelar ao poder de suas cordas vocais.

— Humannoel... Humannoel... Humannoel... — gritou com tamanha força que o eco de sua voz se espalhou pela floresta até chegar aos ouvidos de Humannoel, que, com seu jeito manso de poeta, respondeu:

— Psiu! Espera um pouquinho, meu amigo! Uma coisa de cada vez. Já falo com você! Estou tentando terminar minha conversa com o vento, que está assobiando em meu ouvido. Se você continuar gritando desse jeito, não vou escutar o que ele está tentando me dizer.

— Eu espero! Mas também quero saber o que ele diz... — reivindicou o Grande Guardião.

— Está dizendo que vai pegar as nuvens pelas mãos pra dar banho nas vitórias-régias — segredou Humannoel.

O Grande Guardião então suplicou:

— Desculpe-me os gritos, Humannoel. É que estou com tanta pressa que nem escutei o vento falando. Ando muito ocupado, cuidando de um planeta que tem me dado bastante trabalho.

Humannoel fez cara de queixada brava e, em tom de censura, argumentou:

— Correria faz isso: deixa a gente cego e surdo. Tem ouvido, mas não consegue escutar o que a vida está querendo dizer. Inclusive, faz tempo que não escuto sua voz por aqui na Terra!



O Grande Guardião aquiesceu:

— Gosto muito de conversar com você. De escutar sua sabedoria em palavras. Por isso estou aqui. Preciso da tua ajuda.

Aquela voz era velha conhecida do poeta. Fazia parte do ofício do cuidador e do Grande Jardineiro passear pelas florestas da Terra. Por isso, desde menino, Humannoel brincava e conversava com Ele. Só podiam perceber a presença do Grande Guardião aqueles que tinham um coração encantado. As crianças, por exemplo. Elas estão sempre curiosas e atentas às maravilhas da vida. E os poetas também. Eles têm sempre sentidos ligados e ouvidos

escutadores aguçados, treinados. Num misto de surpresa e desconfiado, Humannoel então perguntou:

— Da minha ajuda? Pode parar com isso! Acho que o senhor está tendo um ataque de humildade.

O Grande Guardião, tentando convencer o poeta, argumenta:

— É verdade! Preciso de alguém como você, de carne e osso. Não é porque sou o Grande Guardião que não posso pedir ajuda. O que faz a grandiosidade de alguém é justamente saber da importância de se contar com os outros. Sozinho ninguém é nada. Venha cá, quero te contar por que tenho andado sumido:

— Há um planeta que se chama Aridex. Com o passar dos anos, a espécie mais evoluída daquele lugar, criada com o DEVER de cuidar da harmonia de lá, começou a se distrair e valorizar somente a própria inteligência. Devoraram todas as outras espécies pra alimentar suas máquinas. Esqueceram-se do DEVER de cuidar e devotaram-se ao PRAZER de devorar. Por isso se tornaram conhecidos em todo o universo como devorex.

— Devorex... Aridex... isso está parecendo com a Terra — disse Humannoel.

O Grande Guardião, suspirando profundamente, respondeu:

— Os devorex perderam o contato total com a vida e estão se matando. Devoram tudo por causa de sua tecnologia, que cria ilusões. Estão atravessando uma grande guerra, e precisam de alguém como você, especialista em sentir e contemplar com o coração.

Intrigado e assustado com o que ouviu, Humannoel argumentou:

— Mas justo eu? O que posso fazer? As pessoas costumam dizer que a poesia não serve PRA NADA. Os práticos até me apelidaram de PRANADA. Não passo de um poeta. E ademais, sinceramente, não sou a pessoa mais indicada para ajudá-lo. Já deu uma olhada em que meus semelhantes fazem com a Terra? Estão destruindo nosso planeta também e eu quero preservar o pouco que nos resta. Por isso escolhi viver assim, aqui, neste lugar — disse meio contrariado, porém convicto.

— Sim, sei bem, Humannoel. Mas permita que te mostre outra coisa. Acho que você vai gostar de ver...

No reflexo do rio, o Grande Guardião mostrou imagens de Humannoel ao longo dos anos. Ele se viu no futuro, entre a caótica loucura dos homens, com outros jovens cuidando do meio ambiente. Jovens do mundo inteiro, que se unirão para partilhar os seus sentimentos, ideias, poesias e ensinamentos contidos nas palavras do coração. Embora não tenha acreditado muito no que vira, entusiasmou-se. Tudo aquilo o emocionara. Humannoel estava a um passo de aceitar a proposta quando decidiu negociar um pequeno entrave:

— Ok, digamos que eu aceite embarcar nessa aventura com você. Pode até ser que eu concorde, mas tem um problema.

— Qual? — indagou o Grande Guardião. Diga. Pode ser que haja solução...

— É que, justo agora, é tempo de os meus amigos ipês se vestirem pro baile de carnaval da floresta. Está chegando a

hora de florirem. Cada um com uma cor mais bonita que a do outro. É uma folia que não posso perder!

Constrangido, o Grande Guardião insistiu:

— Humannoel... Sei que vou te tirar dessa festa. Mas é uma emergência. Caso de vida ou morte! Conto com você, que é especialista em encontrar rastro de onça. Só quem é treinado nisso pode ensinar a caçar o próprio coração. Naquele planeta, eles perderam o rastro do coração. Além disso, você vai viver muito tempo para ver outros carnavais de ipês!

Coçando a cabeça, o poeta murmurou:

— Você é insistente mesmo, hein? Quer saber de uma coisa? Me convenceu. Topo, mas com uma condição...

— Qual?

— Vou, mas com data para voltar. Preciso chegar pro desfile dos ipês-brancos, os últimos a florir.

Sem saída, o Grande Guardião aceitou:

— Tudo bem, meu amigo. Vou preparar a nave que trouxe pra você. Está dentro da minha Sementeira.

Enfim, apertou o botão de uma caixinha metálica guardada na Sementeira, que se transformou numa outra nave em frente da casa de Humannoel, que se surpreendeu:

— Nave? Quem disse que eu vou em nave? De jeito nenhum! Não entro numa coisa dessas! Quer saber, seu Guardiã? Vou de carona com meu amigo Foguete, um tuiuiú, maior ave do Brasil. Melhor que qualquer nave.

Foguete me levará em suas asas brancas e cortaremos os céus. Vou de tuiuiú, sim senhor! Agora, com a sua licença, é a minha vez de usar um truque!

Com o estalar de dedos e um assobio, surge um tuiuiú na janela da casa do poeta.

— Que lindo! Por mim tudo bem. Só preciso que leve com você este pote de sementes. Cuide bem dele. Vai precisar!
— exclamou o Grande Guardião.



CAP. 5

A VIAGEM ESTELAR

O Grande Guardião passou as coordenadas do planeta para Humannoel e recomendou:

— Vou te emprestar o meu GPS Galáctico. É só digitar Galáxia — “X”, Aridex, colocar as coordenadas aqui nesta telinha, e você chega lá.

Desconcertado, o poeta indagou:

— Usar o quê? GPS? Eu não sei usar essas maquininhas, e nem confio nelas. Se a bateria acabar no meio do caminho, eu estou perdido. Vou te falar uma coisa. Tenho um GPS que é muito mais potente e eficiente que esse aparelhinho “mequetrefe” aí. GPS, pra mim, são o sol e a lua. Eles não desligam nunca. Estão sempre lá. Basta abrir os olhos para vê-los. Fora isso, tenho ainda todas as estrelas pra me guiar.

Então, poderia me dizer perto de qual estrela fica esse planeta?

O Grande Guardião, constrangido, respondeu:

— Faz muito tempo que não olho pras estrelas. Estou tão preocupado com os problemas de Aridex que deixei de olhar pro céu. Acordo pensando que Aridex vai acabar e durmo tentando encontrar uma solução...

— É assim mesmo, Grande Guardião. Quando pensamos que a vida é um problema a ser resolvido, deixamos de viver a experiência de olhar pras estrelas e pro Sol. A vida não tem solução. Ela é uma experiência a ser vivida, e não uma coleção de problemas. Por favor, me diga de uma vez por todas onde fica Aridex.

Minutos depois, o Grande Guardião voltou com um pequeno mapa improvisado:

— Humannoel, já tenho aqui as estrelas que terá de percorrer. Você tomará a direção do nascer do Sol, seguindo até a Estrela da Coragem, onde deve virar à direita. Vai passar pela Estrela do Medo e pegar a esquerda na Estrela da Persistência. Em seguida, vai chegar ao Planeta do Cansaço. Então, você voa mais um pôr do sol até a Estrela da Escuridão e, minutos depois, vai dar na Estrela da Esperança, que te apontará para um planeta chamado Miriam. Um pôr do sol depois, avistará um planeta vermelho, que é, enfim, Aridex.

Humannoel abriu um sorriso e disse:

— Agora falou minha língua.

Com urgência nos olhos, o Grande Guardião suplicou:

— Não temos tempo a perder, meu amigo. Aridex corre sério perigo! Precisamos partir imediatamente.

Humannoel montou em seu tuiuiú e cochichou em seus ouvidos:

— Você ouviu o Homem, rápido, meu amigo, para as estrelas!

E, assim, Humannoel partiu. Durante a viagem, observava cada pedacinho de céu. Em cada lugar por onde passava tocava, olhava, sentia o cheiro. Parava um pouquinho, contemplava o que estava fora e fotografava o que mais gostava com o coração. Para algumas estrelas, fazia declarações poéticas.



Humannoel aprendeu que o interior do homem é como a terra: guarda os nutrientes para fazer germinar palavras,

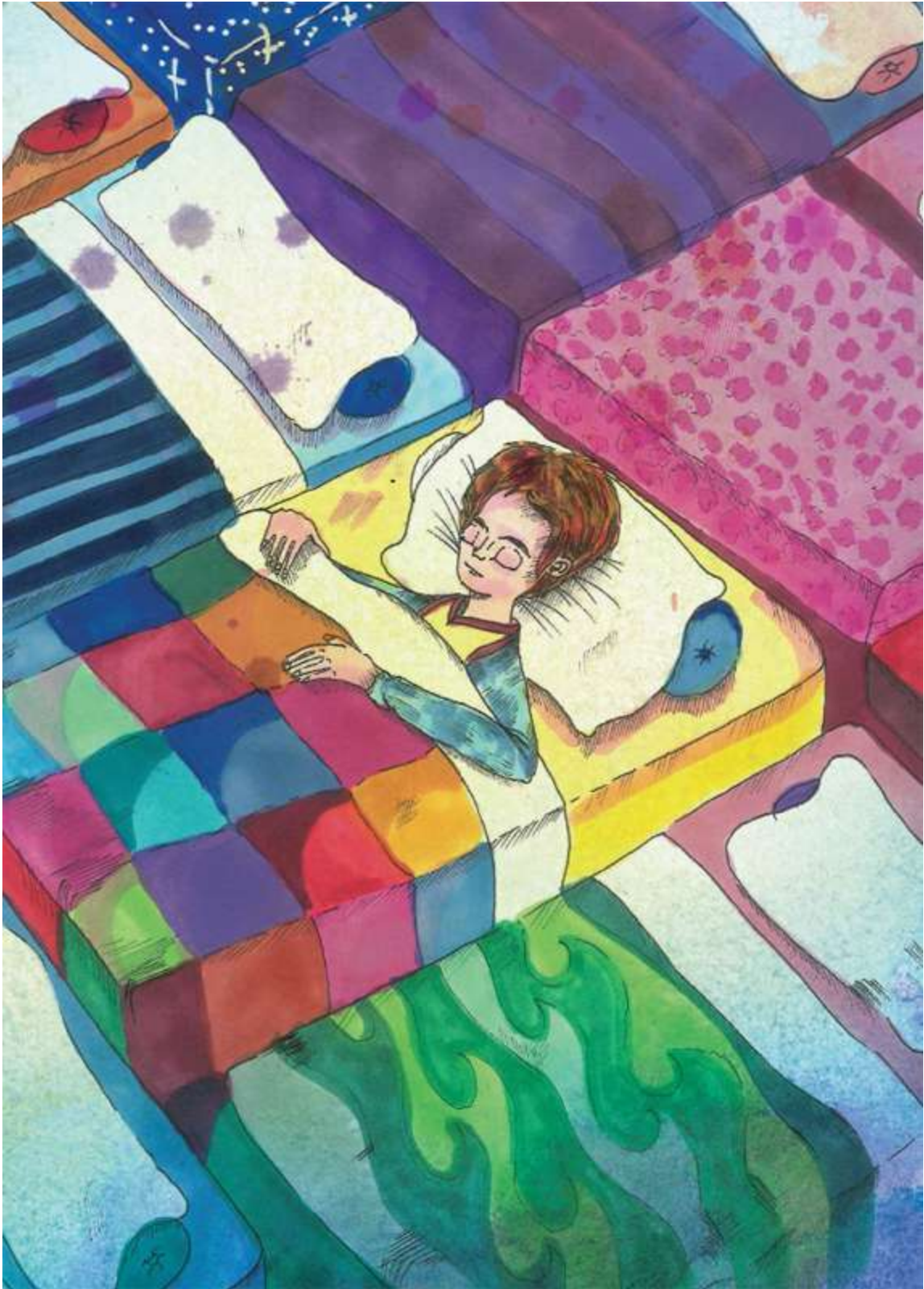
que são sementes e alimento da vida. Ah, sem as palavras, sem a comunicação, sem as declarações de amor, a existência não valeria a pena!

Chegando ao Planeta do Cansaço, o viajante percebeu-se exausto. Fez contato com seu corpo e sentiu que precisava descansar. Então, resolveu parar. Afinal, é preciso respeitar os limites e sinais do próprio corpo.

Pousou com seu amigo Foguete e, para seu espanto, viu que naquele planeta havia muitas camas. Aliás, uma incrível floresta de camas. Escolheu delicadamente uma, e descansou.

Quando a fadiga chega é preciso acolhê-la, repousar para não se perder. Afinal, o corpo é como uma máquina: quando esquenta, não funciona direito e pode quebrar. Humannel se deitou e sonhou com uma poesia:

“PLANETA DO CANSÃO
VOU AO TEU ENCONTRO,
MINHA ENERGIA SE ESGOTOU,
NÃO VOU RESISTIR,
VOU ME DEITAR COM VOCÊ!”



Ao nascer do sol, Humannoel acordou, abriu os olhos, sentiu seu corpo. Durante a noite, suas forças foram restauradas e alimentadas pelos sonhos. Pegou seu tuiuiú e seguiu em direção à Estrela da Escuridão.

Muitos viajantes morriam de medo da escuridão, mas ele gostava do breu da floresta. O menino arteiro que foi e o poeta que é sabem que quem enfrenta o medo da escuridão ganha de presente a festa dos vagalumes.

A Estrela da Escuridão fez com que se lembrasse daqueles pontinhos brilhantes que pareciam estrelas voando pela floresta. Ele sabia que só quem encara a escuridão vê a incrível luz verde do bumbum dos vagalumes. Humannoel ficou com vontade de rir. Imaginou como seria se no meio da escuridão o bumbum das pessoas acendesse. Muito engraçado!



Ele sabia que seu bumbum não acendia, mas, a cada passo na escuridão, uma luz chamada Esperança acendia dentro de si. Coleccionava um monte dessas pequenas luzinhas no seu coração.

Depois de passar pela Estrela da Escuridão encontrou a Esperança. Outra linda estrela, cheia de luz e que cheirava a perfume de rosas. Gostoso demais. Toda vez que sentia aquele cheiro, seu peito explodia de alegria. Lembrava-lhe o

perfume de sua mãe Maria, que volta e meia dizia: “Meu filho, cuidado para não ficar cego com o mundo virtual. Você está jogando demais e vivendo de pouco. Vá brincar com as formigas, elas ensinam bem mais que a televisão.”

Assim, seguiu viagem, deleitando-se com as sensações, até que chegou finalmente ao planeta Miriam. Quando adentrou a atmosfera, avistou montanhas que pareciam grandes seios maternos, por entre os quais cachoeiras de água branca corriam sem parar.



Humannoel não resistiu. Pousou ali pra se servir e beber daquele néctar. Foi quando teve uma experiência maravilhosa. Sentiu o gosto do amor, sentimento que

conheceu com sua mãe. Lembrou-se de seu colo e de seu aconchego. Encheu seu coração de amor. Sua intuição lhe dizia que teria enormes desafios pela frente. Toda vez que se deparava com grandes dificuldades, encontrar sua mãe e sentir seu amor lhe dava mais forças para continuar caminhando.

No planeta Miriam, Humannoel permaneceu um nascer e um pôr do Sol. Nutrido pelo amor, prosseguiu jornada até avistar seu destino final: o planeta vermelho, Aridex.

CAP.6

CHEGADA EM ARIDEX

Quando Humannoel e Foguete aterrissaram em Aridex, sentiram uma enorme onda de calor invadir seus corpos. Ficaram sem fôlego. Foguete mal conseguia bater asas e caíram sobre uma pilha de máquinas velhas. Sorte que a queda não provocou grandes estragos.

Estatelado com a queda, seu primeiro impulso foi olhar para os lados. Acostumara-se a mirar o horizonte sempre que se sentia perdido, para melhor se localizar, todavia, em Aridex, era impossível divisar o horizonte. Eram máquinas empilhadas para todo lado, e pequenos objetos correndo de um lado para outro. Até que, por entre as dunas tecnológicas, um deles veio em sua direção. Era um robô, que, após escaneá-lo, inquiriu:

— O que faz fora de sua caixa tecnológica?



A pergunta fora feita num idioma aparentemente desconhecido por Humannoel. Amedrontado, calou-se a fim de ganhar tempo. Afinal, o que quer que dissesse naquela situação corria sério risco de má interpretação. O robô insistiu na pergunta quando, subitamente, percebeu que o robô falava o esperanto, língua que seu avô lhe ensinara. Arriscou as primeiras palavras:

— Eu não sou daqui. Não vivo em caixas. Vivo nas florestas, em estado de árvore, ou melhor, em cima de uma árvore. Divido minha casa com os pássaros.

— Você é um OVNI? Um objeto voador não identificado? — perguntou o androide.

— Não. Posso até ser esquisito, mas tenho nome. Sou Humannoel. E não sou nenhum objeto voador. Aliás, também sou bem identificável. Venho em missão de paz. Estou aqui para falar com os devorex a pedido do Grande Guardiã.

— Ué, mas nos meus registros o Grande Guardiã é outra invenção do Senhor das Máquinas para distrair e acalmar os corações dos devorex, a fim de manter a ordem em Aridex — disse o robô.

— Não! O Grande Guardiã existe. Esteve comigo. Pediu pra que eu viesse aqui trazer um pouco de poesia, a fim de ajudá-los, quem sabe, a reencontrar o rastro do coração — explicou Humannoel.

— Poesia... o que é isso? Não encontro em meus registros — exclamou o robô.

Há muito tempo, poesias tinham sido apagadas em Aridex. Para não carregar as máquinas com coisas que

provocassem contato com a realidade dos sentimentos, o Senhor das Máquinas ordenara que poemas não fossem digitalizados.

Humannoel, já incomodado por falar com um robô, perguntou:

— Onde encontro os devorex?

— Eles moram nas caixas tecnológicas, cada um na sua — respondeu o robô.

— Eles vivem dentro de caixas? Nunca saem? — perguntou o poeta, assustado.

— Eles não precisam sair. Tudo está dentro de suas caixas. Seus robôs fazem o trabalho externo: como o transporte das garrafas de água e oxigênio na fábrica do Senhor das Máquinas — esclareceu o robô.

— Quem é o Senhor das Máquinas? — impacientou-se Humannoel.

— Ele é o mais poderoso de todos os devorex: uma das metades de seu corpo é de carne e osso. A outra, feita de processadores eletrônicos, que o tornam mais potente e rápido. Além disso, ele tem um exército de robôs que zela pela segurança dos devorex que trabalham pra ele, aqueles que fazem máquinas, programação e criam mundos virtuais pra grande rede de conexão de Aridex — explicou o robô.

Estarrecido, Humannoel, prosseguiu a conversa:

— O que eles ganham com isso?

— Tudo que precisam para viver! Trocam 56 horas de trabalho por uma garrafa de oxigênio e outra de água. E, ainda, 8 pílulas nutritivas por semana, além de poderem navegar livremente pelos mundos virtuais — relatou o robô.

— Hum... Apesar de frio, parece tudo tão bem organizado... Mas, me diga, como começou a guerra? — indagou Humannoel.

— Essa é uma longa história. Alguns devorex deixaram de fazer programação só pra ficar curtindo os jogos e o mundo virtual. Resultado: deixaram de receber as garrafas e as pílulas. A fim de conseguir suprimento sem ter de trabalhar, programaram seus robôs pra roubar as garrafas dos outros — esclareceu o robô.

— Ué... Quer dizer então que aqui quem programa e trabalha morre. E quem rouba vive? — perguntou Humannoel, vendo semelhanças diretas com seu planeta.

— Isso mesmo, Sr. Humannoel! Foi aí que o Senhor das Máquinas montou um exército pra dar proteção aos robôs de seus devorex programadores, e uma guerra devastadora começou em Aridex. Um matando, ou melhor, quebrando o robô do outro, e deu no que deu. Veja a dimensão disso: sem os robôs, os devorex não sobrevivem. Nós somos as pernas e os braços de cada cidadão de Aridex pro transporte das garrafas vitais à sobrevivência deles — contou o robô.

— E onde são produzidas as garrafas? Por que não se plantam mudas a fim de produzir oxigênio em abundância para todo o planeta? — interpelou o poeta.

— Na verdade, hoje só existe um lugar que produz garrafas e um único produtor, o Senhor das Máquinas. Os devorex

perderam o contato com a realidade e têm medo de sair de suas caixas. Eles não sabem mais como nem onde plantar mudas, apesar de precisarem delas para respirar. A única coisa que sabem fazer é teclar — respondeu o robô.

— Como podem ter pernas e não usá-las? Como podem se sujeitar a viver fechados pro mundo e pra vida? — indignou-se Humannoel.

— É impossível fazer algo fora das caixas. Eles não sabem viver sem suas janelas tecnológicas e os aparelhos de conexão. Além disso, com a guerra, sair das caixas é arriscado — disse o robô.

— Então, aqui só existe isso? Janelas virtuais, oxigênio, água engarrafada e pílulas? — perguntou o forasteiro, decepcionado.

— Sim, mas não é só. Se você experimentar as janelas tecnológicas, não precisará de mais nada. Elas possuem trilhões de coisas pra fazer. Têm jogos virtuais, lugares para visitar em qualquer parte da galáxia; o que você desejar é só programar. É o paraíso — afirmou o robô.

— Elas podem oferecer experiências reais? — questionou Humannoel.

— O que são experiências reais? — perguntou o robô, desentendido.

— Aprendi com Aristóteles, um filósofo lá da Terra, que real é aquilo que passa pelos sentidos — explicou Humannoel.

— Pare de bobagem! O Senhor das Máquinas é quem diz o que é real. Ademais, tudo que você quiser saber as janelas

virtuais mostram. É só teclar a pergunta que a resposta vem num clique — esclareceu o robô.

— Se todas as respostas são encontradas, por que não perguntam como acabar com a guerra? — perguntou o poeta, intrigado.

— Essa resposta não consta em meus registros — respondeu o robô.

Subitamente, veio à lembrança de Humannoel a floresta em que morava. As matas tinham tudo de que precisava. Era só cuidar e tirar apenas o suficiente. Também viu que, de certa forma, violência e insegurança aconteciam nas grandes cidades terráqueas. Mas, para não encompridar a conversa, o poeta foi direto ao assunto:

— Como faço para encontrar um devorex? — voltou-se para o robô.

— Pessoalmente, é impossível! Já disse que ninguém sai de suas caixas... A não ser que consiga uma janela virtual pra se conectar ou entre junto com um robô, durante a entrega das garrafas — disse o androide.

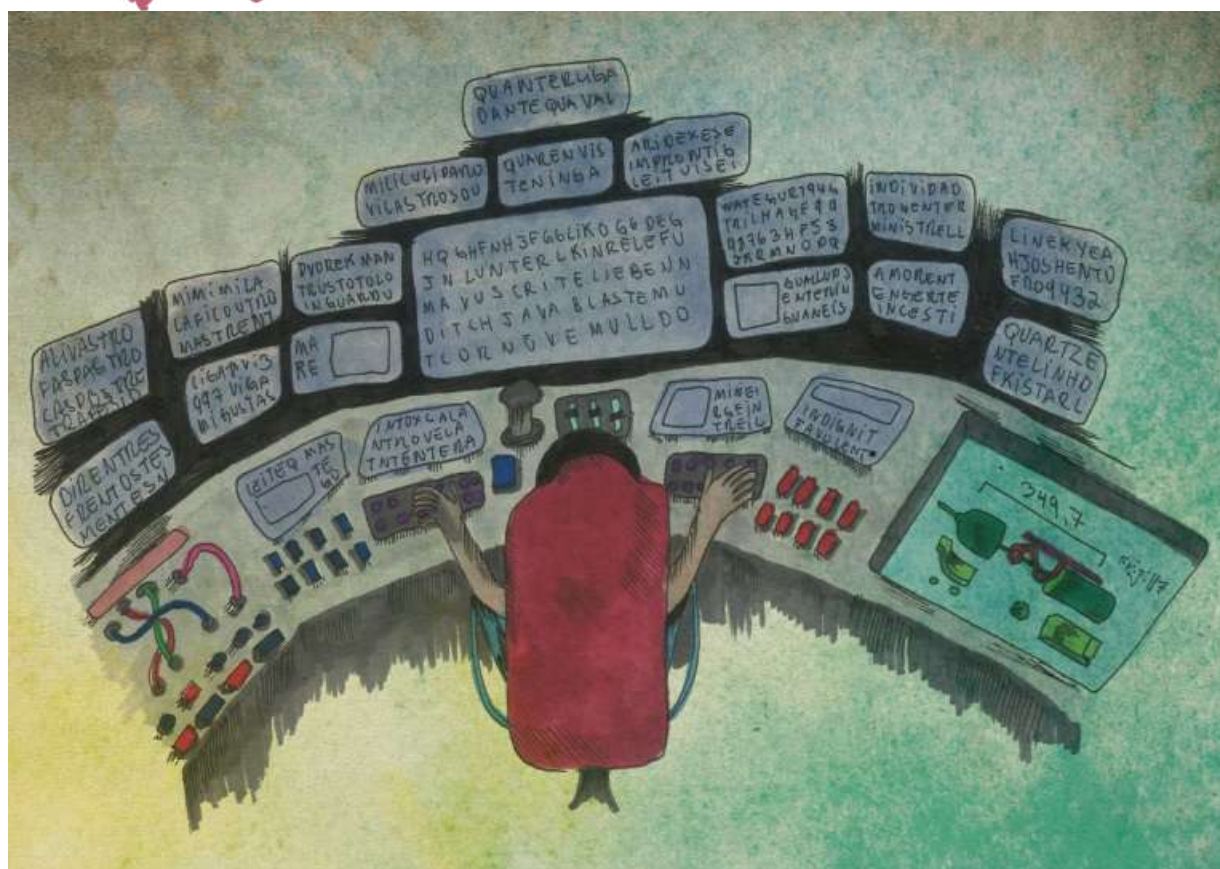
— E como é o seu devorex? — perguntou o poeta, cheio de curiosidade.

— Um programador eficiente e pesquisador da história de Aridex. Quer conhecê-lo? Levarei garrafas para ele em instantes, disse o robô, conferindo sua programação.

Humannoel sentiu que aquele encontro não acontecera por acaso e, de repente, uma frase lhe passou pela cabeça: a vida conspira em favor daqueles que se propõem a fazer o bem.

CAP.7

O PRIMEIRO ENCONTRO



Humannoel e Foguete seguiram o robô por entre as dunas de máquinas descartadas até avistarem as pequenas caixas, uma em cima da outra. O robô aproximou-se de uma porta, onde um sensor de reconhecimento lhe deu acesso imediato.

Era um cubículo fechado, com pouca luz. No centro do espaço, havia uma grande cadeira cercada de projeções holográficas. Sentado, um devorex distraía-se com imagens nas janelas tecnológicas sem perceber a entrada do forasteiro.

Humannoel aproximou-se com o cuidado da garça quando anda pelos corixos. Estendeu a mão para o devorex. Quando percebeu que seu robô estava acompanhado, o nativo tomou um susto tão grande que despencou da cadeira. Começou a gritar, de medo e desespero. Surpreso e constrangido diante do impacto que causou, Humannoel encolheu-se e desculpou-se, dizendo em esperanto:

— Não temas. Sou de paz!

Confuso, o jovem devorex não entendeu nada. Estava apavorado demais para qualquer raciocínio lógico. Nunca havia visto outra espécie assim tão de perto. Estava chocado!

Os devorex assemelhavam-se aos terráqueos, porém tinham olhos maiores, ouvidos menores, corpos mais finos, compridos, e mãos bem longas, com seis dedos em cada uma.

A espécie tinha evoluído de acordo com sua necessidade: programar. Por isso as mãos e os olhos eram daquele jeito. Já a boca era bem pequena. Tinham voz fraquinha, bem

baixinha. Mal dava para ouvir o que diziam. Também só usavam a boca para engolir os comprimidos.

Humannoel insistiu e tentou cumprimentá-lo novamente. Ao ver a mão pequenina, o devorex sentiu-se mais seguro e correspondeu ao gesto.

Aquele cumprimento traria uma grande mudança.

Logo que soltaram as mãos, o devorex rapidamente sacou de seu scanner de reconhecimento. Enquadrou a imagem do poeta e de imediato veio a resposta da janela virtual: é um humano. Ao entender toda a movimentação para um simples reconhecimento, Humannoel se pronunciou:

— Oi! Não precisa perguntar à máquina quem sou, amigo. Eu mesmo te conto!



Os dois sentaram-se e começaram a conversar. A primeira coisa que Humannoel quis saber foi se ele tinha nome:

— Nome? O que é isso? — estranhou o devorex.

— Ué, como te chamam?! Por exemplo, me chamo Humannoel. Este foi o nome que meus pais escolheram para mim. E todos me chamam assim quando querem falar comigo.

— Acho que entendi... você quer o meu código de identidade na rede; é R3494786.

— Não! Não quero seu número de identidade. Quero o seu nome — exasperou-se Humannoel...

— Mas eu não sei o que é isso. Eu não tenho nome.

O poeta insistiu:

— Como os outros te chamam quando se conectam com você?

— Os outros não me chamam. Eles me reconhecem pelos meus dígitos. É com isso que entro nas redes — disse o devorex.

— Ok. Entendi. Você não tem um nome. Mas não gostaria de ter um? — impacientou-se o poeta.

Com ar de tanto faz, o devorex deu com os ombros. Humannoel entendeu o constrangimento do rapaz, refletiu durante alguns segundos e voltou-se decidido:

— Vou te chamar de Mãosir. Você tem o aperto de mão mais forte de todos que já senti.

— Mãosir? De onde você tirou isso? — questionou o devorex.

— É só uma brincadeira com as palavras. Por causa da sua mão grande. Agora, deixe-me cumprimentá-lo novamente. É assim que nós fazemos de onde eu venho, quando encontramos com alguém — informou Humannoel.

Mãosir cumprimentou Humannoel, que, sorriu, dizendo todo cortês:

— Prazer em conhecê-lo, Mãosir!

— Nossa! Aqui não encontramos ninguém assim, cara a cara. Só nossos robôs — explicou Mãosir.

— E vocês não têm família ou amigos? — pergunta Humannoel, curioso.

— Família, amigos... O que são? — devolve o confuso devorex.

— Sua mãe, por exemplo, é sua família. E um amigo é aquela pessoa com a qual podemos contar — explica Humannoel.

— Hum! Entendi. Mas aqui somos criados pelas incubadoras e pelo sistema de rede. Não temos ninguém. Assim é a vida em Aridex.

— Que triste isso! Escuta, Mãosir, você gostaria de ser meu amigo? — pergunta Humannoel.

— Se você quiser... — responde o devorex.

— É uma honra pra mim ser seu primeiro amigo. Amigos precisam se conhecer. Então, deixa te falar de mim. Venho de uma galáxia muito distante, onde tem um planeta chamado Terra. Lá existem outros indivíduos como eu. Chamam-nos de poetas. E nós, poetas, vivemos a vida como a arte do encontro. Você nunca pensou em sair para encontrar outros da sua espécie? — perguntou o forasteiro.

— De jeito nenhum. Vou correr riscos pra quê? Não sabemos mais em quem confiar. Sei que nem sempre o virtual corresponde à verdade, as máquinas aceitam tudo, mas não tem como checar sem sair das caixas.

— Mas você não tem vontade de sentir o calor de um abraço? — questionou Humannoel.

— Abraço, o que é isso? — perguntou Mãosir.

— Essa é a nossa invenção de contato mais criativa. Abrimos os braços e um se aproxima do outro até que os corações se toquem. E, nesse instante, a gente se sente conectado e completo. Isso aquece o corpo. Diga, você, por acaso, não sente frio aqui? — inquiriu Humannoel.

— Frio? — indaga Mãosir.

— Bom, deixa pra lá. Agora, quanto ao abraço, você gostaria de experimentar? Ou melhor, você gostaria de sentir um pouco do nosso calor humano? — insiste Humannoel, atordoando ainda mais Mãosir com aquela proposta inusitada.

— Será?! Sem querer te ofender, hoje tudo pode ser feito de forma virtual. É muito mais seguro porque evitamos contaminações, vírus, enfim... Depois, e se isso me causar algum tipo de dor? — preocupou-se o devorex.

— Dor? Não. Por que acha que um simples abraço poderia doer? — intrigou-se Humannoel.

— Estou com medo. Da última vez que nosso povo teve contato com seres de outro planeta, fomos contaminados por um vírus desconhecido — afirmou o devorex, desconfiado.

Humannoel compreendeu seu temor e procurou tranquilizá-lo:

— Hum! Está aí um ponto em comum entre nós, humanos, e vocês, habitantes de Aridex.

— Qual? — indagou o devorex.

— O medo, oras. Mesmo sendo uma espécie mais avançada, com tecnologias incríveis, vocês também sentem medo. O que é ótimo! Medo existe pra ser superado — afirmou Humannoel.

— E como isso é possível? — questiona o devorex.

— Ah, meu amigo... Só saindo da caixa para descobrir. Esse é o primeiro passo — sugeriu Humannoel.

— Esquece. Estou começando a entender. Sei exatamente aonde você quer chegar. Isso é um truque! Eu me afasto da minha caixa e você se aproveita da situação e me ataca, não é isso? — resmungou Mãozir, todo desconfiado.

— Não é nada disso! As minhas armas são as palavras e os abraços — defendeu-se Humannoel.

O devorex reclinou um pouco a cabeça para trás, como se quisesse fitá-lo dos pés à cabeça, e suspirou. Permitiu-se

confiar:

— Tudo bem. Me convenceu. Mas confesso que ainda tenho medo.

— Isso é mais natural do que você imagina, meu amigo. Se você não sentisse medo, aí, sim, seria difícil continuar nossa conversa. Mas vou te explicar como podemos superar isso. Existem dois tipos de medo: o primeiro é aquele que paralisa a gente. Aí, travado, a onça pega fácil. O outro é aquele que faz a gente ser mais cuidadoso. Esse faz crescer na coragem — esclareceu Humannoel.

Mãosir animou-se com a explanação do poeta:

— Quero aprender! Quero experimentar isso: coragem.

Surpreso e contente com a reação do devorex, Humannoel prosseguiu:

— Ótimo! Vou te mostrar. Faz assim: abra os braços, chegue pertinho de mim, aproxime teu coração do meu.

Os dois se abraçaram e Mãosir aos poucos foi sentindo as sensações do contato da pele.

Para celebrar o acontecimento, Humannoel começou a declamar uma poesia:

// COM O TATO
TATEIO VOCÊ
SEM DISTRATO
TRATO SIM
DE TOCAR VOCÊ
COM ABRAÇO
FAÇO CONTATO
COM O TATO
DE FATO...
TUDO PODE MUDAR. //

Depois da poesia, Mãozir sentiu-se animado e quis repetir o abraço. Despertou-lhe o desejo de fazer novos contatos:

— Estou com medo, mas sinto um calor no peito. Deu até uma vontade de abraçar outros da minha espécie...

— Trato feito. Vou te ajudar a buscar novos contatos — entusiasmou-se Humannoel.

E assim os dois traçaram um plano: queriam abrir novas caixas, conquistar novos abraços nos quatro cantos de Aridex.

CAP.8

O PLANO DOS ABRAÇOS

Uma vez selados no abraço, uma nova etapa começou. O poeta quis tomar pé de toda a situação em Aridex e contou ao novo amigo sobre a missão que lhe foi dada pelo Grande Guardião.



Mãosir então perguntou:

— Como é que vai devolver a PAZ pra Aridex?

— Sinceramente, não sei. Tenho apenas a experiência de um poeta que sabe fazer rodas de encontro. Nesse espaço, encontramos soluções e enfrentamos, em grupo, nossos desafios — justificou Humannoel.

— Grupo? Então precisamos chamar mais devorex — disse Mãosir.

— É isso! Quanto mais cabeças e corações afetarmos com este “contágio positivo de abraços”, mais força e criatividade terão nossas rodas — exclamou o poeta.

— Excelente estratégia! Acabo de ter uma ideia — disse Mãosir.

— Qual? — perguntou, empolgado, Humannoel.

— Pensa comigo: se os robôs são programados por nós, eles vão refletir todas as nossas intenções. Androide ladrão, proprietário devorex pirata. O lance é a gente programar meu robô pra detectar o pessoal certo. A gente fica escondido nas dunas, até que ele dê o sinal verde pra gente fazer a abordagem — propôs Mãosir.

Humannoel, com olhar esperançoso, concordou:

— É isso! Aí a gente segue o robô do bem até a caixa de seu devorex e, quando a porta se abrir, entramos juntos e atacamos com um abraço.

E assim foi. Começaram o plano. Depois de infindáveis momentos de espera, o robô de Mãosir deu sinal verde e os

dois seguiram os andróides até a caixa do primeiro alvo. Ao abrir a porta, os invasores entraram lentamente, mas o susto foi inevitável. Quando se deu conta da presença das duas figuras intrusas, o devorex programador quase morreu de susto.

— Calma, meu amigo, não vamos te fazer mal nenhum. Nem estamos aqui pra roubar tuas garrafas. Queremos apenas nos apresentar: eu sou um como você. E este aqui é Humannoel, que veio de outra galáxia, a pedido do Grande Guardião, para nos ajudar a pôr fim à guerra em Aridex — explicou Mãozir.

Assim que conseguiram acalmar o programador, terminaram de contar o resto da história. Três dias depois do começo do plano, já tinham contactado mais de 30 devorex. Poucos topavam arriscar-se a ajudar. A maioria estava satisfeita, acomodada em seu mundo de ilusão. Humannoel sabia que todos tinham medo. Raro era aquele com quinhão maior de coragem, disposto a correr riscos.

No quarto dia, surgiu o primeiro problema: como sobreviveriam sem o trabalho na programação, já que passavam o tempo em busca de novos contatos, abrindo portas, espalhando abraços. Não receberiam as garrafas com oxigênio. O efeito do abraço era poderoso, mas não sustentava.

Humannoel começou a preocupar-se com a falta de oxigênio. Sabia que as mudanças aconteceriam gradativamente. Mudanças drásticas poderiam gerar consequências desastrosas.

Humannoel propôs aos devorex que voltassem a programar durante oito horas diárias e, ao invés de perder tempo enclausurados em caixas e mergulhados em distrações

virtuais, no fim de cada dia, na hora da transição das cores do céu, se encontrariam para estabelecer o contato real nas rodas.

Nem bem o pequeno grupo se desfez, com cada um voltando para suas funções na programação, Humannoel começou a se preparar para a grande roda. Sabia que a mudança só aconteceria se houvesse espaço e tempo para o encontro.

No final do dia, a roda estava pronta. Conseguiu improvisar confortáveis bancos com algumas sucatas de máquinas e, na hora marcada, os devorex começaram a chegar. Humannoel percebeu que, dos quase 30, apenas metade voltara. Alguns não conseguiram largar suas janelas virtuais. Mas o que importava era que os dispostos a se encontrar estavam ali. Sem esmorecer, o poeta pensou com seus botões: “Não é a quantidade de indivíduos que mudará Aridex, mas, sim, a quantidade de sentidos dentro do coração de cada devorex”.

Todos se abraçaram na chegada. Esse era o início do ritual: contato. Depois, dispostos na grande roda de encontro, começaram a falar sobre a realidade de Aridex. Até que Humannoel tomou a palavra:

— Quero que experimentem uma tecnologia de conexão de contato inventada na Terra. Só podemos mudar quando aprendemos a encontrar, e as rodas são uma poderosa ferramenta, o lugar do encontro.

Enquanto Humannoel falava, percebeu que os devorex não conseguiam largar seus aparelhos portáteis de conexão. Estavam com os olhos vidrados em seus miniprojetores, com os sentidos bloqueados para o real. Só conseguiam ver

e escutar o que se passava em suas pequenas parafernálias tecnológicas.

Estavam todos ali, porém anestesiados pelo vício! Humannoel viu que não seria fácil livrar aquele povo do aprisionamento virtual. Todavia, não era impossível. Afinal, os devorex já viveram sem isso um dia e respiraram ares melhores.

Naquela altura do campeonato, só o fato de alguns estarem na roda já era uma grande conquista para Humannoel e Mãosir.

Humannoel fez o que todo bom poeta aprende a fazer: “contemplar com o coração em busca de uma solução”. Primeiro, anotava tudo que percebia em seu caderninho. Percebia “o que estava acontecendo” e, depois, prestava atenção em “como agiam”. Pacientemente, como um pescador na barranca do rio, esperava uma ideia saltar para ele fisgar.

Algumas ideias emergiram no fluxo de seus pensamentos: falar mais alto para chamar atenção, bater palmas... Mas, entre todas, uma surgiu-lhe na mente com força extraordinária. Mais parecia um dourado pulando na correnteza.

— Já sei! Amanhã, quando eles chegarem, vou falar-lhes sobre o que aconteceu e como me senti. Sem acusá-los. Quando acusamos e criticamos as pessoas, elas se fecham ou atacam, não escutam. O segredo é aprender a pedir. Vou pedir pra desligarem os aparelhos e se ligarem na roda. Isso mesmo! É preciso desligar para se ligar. Quanta coisa perdemos nesta vida porque temos vergonha de expressar o que precisamos — segredou com seus botões, animado com o próximo encontro.

CAP.9

APRENDENDO COM AS CORUJAS



No dia seguinte, depois dos tradicionais abraços, os Devorex formaram novamente uma grande roda num lugar bem escondido, entre as dunas de máquinas.

Os robôs ficavam na entrada da roda, atentos a qualquer sinal de perigo. A guerra estava cada dia mais violenta. Androides assassinos estavam à solta em Aridex, à procura de garrafas de água e oxigênio.

Humannoel começou a falar sem que ninguém prestasse atenção. Todos estavam grudados em seus miniaparelhos holográficos de conexão. Mesmo longe de suas caixas, mantinham-se plugados na rede. Não sabiam olhar nos olhos, tampouco escutar alguém de carne e osso.

Ao perceber o que acontecia, o poeta tirou de sua matula um pequeno apito, que imitava o canto do uirapuru. Quando tocou, o som ecoou pelo deserto com beleza contagiante. Os devorex não resistiram e, finalmente, olharam para Humannoel, que disse:

— Para que haja encontro, é preciso desligar a fim de se ligar. Às vezes, ficamos ligados a esses pequenos aparelhos de conexão, que nos levam a um mundo distante e nos afastamos da realidade, do aqui e do agora. Ontem, quando estive com vocês, todos estavam assim, vidrados nos aparelhos. Peço que os desliguem para se ligarem à roda. Vocês têm muito pra relemburar, ferramentas que há milhões de anos deixaram de usar. Na Terra, também estamos desaprendendo a fazer o que já nascemos sabendo:

A olhar nos olhos da mãe — nascemos sabendo, mas com o tempo desaprendemos a olhar nos olhos das pessoas.

A escutar a voz dos outros com atenção — nascemos sabendo, mas com o tempo desaprendemos.

A olhar para as coisas da vida com encantamento — nascemos sabendo, e com o tempo desaprendemos.

A brincar desde cedo, a fazer criancices — nascemos sabendo, mas com o tempo desaprendemos.

A sentir o gosto das coisas — nascemos sabendo, e com o tempo desaprendemos.

Até respirar nascemos sabendo, e com o tempo desaprendemos.

— Você está complicando demais as coisas... desligar para se ligar... nascemos sabendo e com o tempo

desaprendemos. De verdade, o que sabemos mesmo é clicar, programar nossos robôs, entrar em rede e viver conectados — disse um devorex.

— É verdade! Vocês têm mais capacidade de racionalizar, obter informações e criar inteligências artificiais. São mais avançados que os habitantes da Terra, porém, assim como nós, humanos, desaprenderam muitas coisas, como por exemplo a respirar. Sem respirar profundamente não há contato com os sentidos. Não há conexão com a realidade. Sabem programar, mas não sabem fazer algo mais simples como semear o verde, que pode fornecer ar puro pra vocês respirarem. Parem agora, e observem como estão respirando — chamou a atenção Humannoel.

Os devorex perceberam que a barriga movimentava muito pouco, uma respiração superficial, mas um logo tratou de se justificar:

— A gente respira curto para economizar oxigênio.

Rindo, Humannoel disse:

— Quando se tem pouco, é preciso saborear mais. Quanto mais eu sinto o gosto, menos eu preciso pra satisfazer-me. Quando fazemos tudo rápido sem sentir o gosto, não nos satisfazemos nunca e precisamos devorar mais.

— Sentir o gosto? Como assim? Não estou entendendo... — disse um devorex em tom de dúvida.

— Todos nós, inclusive vocês, devorex, temos cinco ferramentas de sentir. São como janelas de conexão. Não dependem de energia nem das máquinas. Elas já vêm acopladas ao nosso corpo — explicou Humannoel.

Mãosir levantou o braço, pedindo a palavra:

— Uma tenho certeza que é o tato, a primeira ferramenta que utilizamos na tecnologia do abraço. De fato, usamos o TATO, que é um espetáculo. Aquece o coração. É como o fogo na fogueira, luz na escuridão.

— É assim que se fala, meu amigo Mãosir. Todo mundo pode exprimir com palavras o que sente e pensa. Vou lembrar mais duas ferramentas de sentir: uma vocês usam bastante para ver o que não existe e a outra para escutar sons que as máquinas reproduzem. Pra falar a verdade, aprendi a usá-las no meio do mato. Fiz aula com as corujas, incríveis seres do contato — explicou Humannoel.

— Como são as corujas? — perguntou um dos participantes da roda.

— Lá onde eu moro, elas são símbolo de sabedoria. São aves com grandes olhos arregalados de atenção. Movem sempre a cabeça em direção ao que está acontecendo, aqui e agora. Fazem pouco barulho, raramente piam. São mestras da audição e da visão. Têm esses dois sentidos aguçados. As corujas escutam o silêncio, seus olhos aumentam a extensão do horizonte — descreveu Humannoel.

— Nós também somos sábios então, passamos o dia usando a visão, vendo tudo que se passa nas janelas — disse Mãosir.

— Vocês infelizmente aos poucos ficaram cegos e surdos. Deixaram de ver a realidade de Aridex. Vivem uma cegueira virtual. Veem realidades que não passam de programação cibernética. Não sabem escutar nem ver com o coração.

Vocês já escutaram a voz do coração? — perguntou Humannoel aos devorex.

— Só escutamos os sons produzidos pelas janelas tecnológicas e pelos aparelhos de conexão — responderam dois deles quase ao mesmo tempo.

— Vou deixar uma missão para vocês: quero que escutem e vejam as palavras que querem nascer no coração de vocês. Quando brotarem, anotem cada uma delas — sugeriu.

Humannoel despediu-se de todos para escutar a voz do seu próprio coração. Palavras voavam. Eram tantas que parecia a algazarra de uma revoada de maritacas voltando a suas árvores.

CAP.10

O DESPERTADOR DOS SENTIDOS

No encontro anterior, Humannoel havia deixado uma tarefa para os Devorex: pediu que anotassem as palavras do coração. Porém, ao abrir a roda, durante a troca de abraços, sentiu um clima estranho.

Depois de pedir para que todos desligassem os aparelhos e se ligassem, disse:

— Senti algo diferente em vocês. Os abraços que recebi estavam mais mecânicos que afetivos. O que está acontecendo?

— Humannoel, tenho pensado muito no que estamos fazendo. Ontem, quando voltamos pra nossas caixas, fomos atacados por robôs assassinos. Por pouco não morremos! Se não estivéssemos juntos, teríamos morrido. Os nossos robôs ficaram danificados. Precisamos fazer uma busca nas dunas para encontrar peças de reposição e reprogramá-los. Isso

quer dizer que não teremos mais tempo para ficar brincando de roda com você — disse um devorex, indignado.

Humannoel sentiu-se atacado:

— Primeiro, meu amigo, sei que corremos riscos. Se quiserem, podemos parar por aqui. Ou buscamos, estrategicamente, outro lugar. Quando saímos pra vida, fora de nossas caixas fechadas, corremos riscos, sim. Mas não seria mais arriscado perder a vida fechados num mundo de ilusão?

— Nossos avanços tecnológicos nos permitem ver o seu planeta, a sua “verdade”. E ontem, depois do ataque, quando cheguei a minha caixa, comecei a pesquisar mais sobre a Terra. Vi que sua espécie mal começou a usar as redes e os aparelhos de conexão. Estão perdidos. E o pior: não sabem nem viver no mundo virtual, nem no mundo que vocês chamam de real. E, por falar nisso, o que é o real para você? — perguntou outro devorex, elevando o tom de voz e desafiando o poeta.

— Você tem razão! Na Terra estamos apenas começando a usar o mundo virtual. E muitos estão até viciados. Não encontraram o equilíbrio entre o uso da tecnologia e a experiência real. Sinceramente, não tenho a resposta do que é real. Isso só você pode descobrir. Mas, de uma coisa eu sei: “se faz sentir, faz sentido”. Para mim, o real é encontrado quando a vida faz sentido — respondeu Humannoel.

— Meu caro amigo, preciso confessar que estou com medo de continuar. Penso em voltar pra segurança de minha caixa. Não vejo mais saída pro nosso planeta. E, na verdade, pra sobreviver, vamos ter de aprender a manejar armas.

Não dá mais pra perder tempo com essa história de sentidos. Deveríamos aproveitar para nos fortalecer, construindo armas poderosas para nossa defesa — falou Mãozir.

— É assim que se fala, Mãozir. Esse papo de sentidos não faz sentido. Do ponto de vista prático, fazer armas para nos proteger é o plano! Vamos começar agora. Juntos, podemos fazer as melhores armas da história — comemorou um devorex, entusiasmado.

Humannoel, cabisbaixo, tentou demovê-los do intento:

— A escolha é de vocês. O fato é que sobreviveram juntos ao ataque e isso comprova que, unidos, podem vencer e transformar a vida do seu planeta. Não basta poder, é preciso querer! Não bastam sementes, é preciso plantá-las.

— Mas o que você quer, Humannoel? — perguntou um devorex.

— Quero mostrar algo — disse o poeta, retirando de sua matula um objeto. Parecia um despertador com ponteiros, porém não marcava o tempo que se conta, e sim o que se sente. O tempo que se conta é exato, os ponteiros comandam. No tempo que se sente, quem guia é o coração. Um minuto pode parecer uma hora, e uma hora um minuto. Esse tipo de tempo pedia apenas experimentação.

O inusitado aparelho era um Despertador dos Sentidos. Humannoel escolheu aquele momento para mostrar-lhes o que tinha dentro daquele objeto e começar a despertá-los:



— Esta é uma invenção especial que guarda objetos preciosos: utilizados para acordar os sentidos do corpo e da vida, que estão adormecidos.

O primeiro objeto parecia um pequeno graveto. Todos olharam intrigados. Humannoel pegou um garrafão com oxigênio. Raspou a cabeça da madeira em uma pedra e o fogo milagrosamente surgiu. Era um palito de fósforo. Os devorex queriam se aproximar para sentir. O calor da chama despertava uma sensação diferente no coração daqueles jovens, que nunca tinham sentido o calor de uma chama.

Humannoel, envolvido com a experiência de encantamento dos devorex, declamou:

— Quando alguém en-canta, é como se o coração quisesse cantar. Seus sentidos estão sendo despertados. Escutem o crepitar da chama. O fogo tem o poder de derreter os congelamentos do coração e iluminar as trevas. E então, o que estão sentindo? — perguntou Humannoel.

Os devorex estavam confusos com a pergunta. Ninguém nunca tinha perguntado a eles o que sentiam. No mundo virtual não havia espaço para sentimentos, apenas para a razão e para o prazer. Até que um do grupo se atreveu a tomar a palavra:

— Sinto muitas coisas ao mesmo tempo. Confesso que são tantas novidades que estou até tonto, não sei nem por onde começar.

— Nossos sentidos captam os estímulos que provocam muitas sensações, que desencadeiam sentimentos, as verdadeiras molas propulsoras de nossas ações. O primeiro passo é perceber o que está acontecendo para, depois, dar

nome ao que estamos sentindo. Comece falando o que está vendo... — ensinou Humannoel.

— Vejo um pequeno pedaço de graveto que produz fogo, vejo o colorido do fogo, a roda formada por todos nós — disse o devorex.

— Continue, você está começando a fazer contato com os sentidos — disse Humannoel, todo empolgado.

Foi quando algo mágico aconteceu com um dos integrantes da roda: fez a ligação do exterior com o interior e encontrou as palavras que traduziam essa experiência. Entusiasmado, exclamou:

— Sinto que o colorido do fogo acende o colorido do peito. Meu coração está rindo!

Naquele momento, uma transformação começou a acontecer na roda. E o medo, que desencadeava o desejo de fazer armas, deu lugar a um sentimento de esperança, que desarmou suas intenções de fazer armas.

Humannoel, emocionado diante da cena, prosseguiu:

— Você estão começando a sentir, a fazer a conexão entre a percepção, os sentimentos e as ações. Encontrando o rastro das palavras, descrevendo o que está vendo, acabou fisingando o sentimento de alegria. Começou a acontecer a transformação. As emoções e os sentimentos, nós não podemos controlar, mas, quando as nomeamos, podemos transformá-las.

Humannoel retirou novas surpresas do Despertador dos Sentidos:

— Vou apresentar uma bebida que transformará a forma de sentir a vida. Chá de hortelã-pimenta pra despertar o paladar. O chá de hortelã na Terra é servido como sinal de cordialidade, para aquecer o peito e despertar mais sentimentos!

Enquanto todos degustavam a bebida, Humannoel voltou a perguntar o que sentiam.

— O gosto da água, misturado com a hortelã, provoca uma leve sensação na boca. Parece queimar... — disse um dos devorex.

— Gosto levemente ardido. Como vocês só comem comprimidos, perderam a conexão com os diferentes tipos de sabor. Estão acostumados a sentir o gosto de coisas insípidas. Há vários tipos de gosto. O amargo, o azedo, doce, salgado, ardido... A vida virtual é insossa, por isso menos real — comentou o poeta.

Outro devorex acrescentou:

— Eu estou sentindo um gosto pela primeira vez. Também sinto uma coisa que não vem da língua, vem de dentro... uma vontade de continuarmos juntos — disse o devorex, com jeitinho carente.

— Totalmente poético! Os sentidos do corpo provocam sensações que abrem as portas dos sentimentos. Quando você sentiu o sabor e o calor do chá, você fez relação direta com o aconchego que a amizade traz, a vontade de ficarmos unidos.

— Que interessante! Me fale mais sobre amizade — disse o jovem.

— Um grande escritor da Terra disse: “A amizade é uma força poderosa, capaz de mudar o mundo”. Quando os amigos se unem, são capazes de vencer as adversidades — disse Humannoel, com os olhos faiscantes de alegria.

Quando o chá acabou, o poeta abriu de novo o Despertador dos Sentidos. Tirou dele um saquinho de pétalas e distribuiu uma a cada um, dizendo:

— Agora vocês vão experimentar o perfume da natureza. Coloquem as pétalas dentro das garrafas de oxigênio e sintam.

Os devorex ficaram espantados com aquela descoberta. O odor passava pelas narinas despertando o sentido do olfato. Nesse momento, o botão da memória foi acionado. Há muitos anos, sentiam sempre o mesmo odor, o do oxigênio engarrafado. Humannoel alertou-os:

— Amigos, o cheiro aciona o botão das lembranças. Mas vocês perderam a habilidade do olfato e, com ela, as memórias de seus ancestrais se apagaram. Consequentemente, vocês ficaram sem referências importantes da natureza da sua espécie e do próprio planeta. Então, como se importar com o que é desconhecido? A gente só ama o que conhece.

— Ontem, no momento em que estávamos sendo atacados, pensei que morreríamos. Só me vinha uma coisa à cabeça: as imagens do planeta AR, cheio de vida e verde. Senti vontade de viver aquilo que nunca vivi — disse um devorex, em tom reverencial.

Humannoel aproveitou o momento para emprestar a sua percepção:

— Guardar a memória e valorizar os mais velhos fazem com que não nos esqueçamos da essência de nossa espécie. Quando perdemos o contato com a nossa história, nos perdemos de nós mesmos e, daí pra frente, qualquer novidade pode nos seduzir e escravizar.

A última surpresa estava para chegar. Humannoel tirou de seu Despertador dos Sentidos uma caixinha de música e começou a tocá-la: era “As Quatro Estações”, de Vivaldi. Ao ouvir aquela melodia, de repente os devorex levantaram-se, deram-se as mãos e começaram a dançar. Pareciam crianças, e de fato eram. Estavam aprendendo a usar as ferramentas de sentir, que provocavam o desejo de agir como nunca haviam agido. Novas percepções, novas sensações, novas conexões gerando novas ações transformadoras.

CAP.11

OS SENTIMENTOS

Naquele dia todos voltaram diferentes pra roda. Olhavam-se mais. Os abraços eram mais demorados e espontâneos. Humannoel pensou: está fazendo efeito.

Vou aproveitar para dizer mais sobre nossos encontros:

— Meus amigos devorex, é muito importante que vocês continuem a fazer as rodas e espalhá-las por Aridex. Lá na Terra, elas fazem parte da história de todos os povos. Roda de música, roda em volta da fogueira, roda de poesia, roda de ideias... A vida move a roda e a roda move a história. A roda é o espaço do contato, onde os sentidos são acordados e o grande encontro transformador acontece.



Um devorex levantou a mão e perguntou:

— Humannoel, você acredita que somos capazes de fazer rodas sem você?

— Não só acredito como sei que podem fazê-las. As rodas precisam girar e atingir o maior número possível de participantes. Não há o que temer. Nem precisa complicar. Pra roda funcionar são necessários dois elementos básicos: respeito e cuidado. A roda se torna mais forte à medida que as pessoas sentem que podem compartilhar seus sentimentos e pensamentos. Cada um pode dizer a sua verdade sem querer impô-la aos outros. Há de se respeitar as diferenças e opiniões. As guerras começam quando queremos impor nossas verdades para todos.

— Ok. Já entendi sobre o respeitar as diferentes percepções e opiniões. Agora, o que você quer dizer com a palavra “cuidado”? É para termos medo? — questionou Mãozir.

— Não! O cuidado nas rodas se manifesta de duas formas: aprender a escutar quem está falando, sem interromper a fala do outro, e guardar aquilo que é falado ali. Escutar é uma bela ferramenta do amor. Quem não escuta não aprende a amar. Nas rodas aprende-se o escutar, com RESPEITO e CUIDADO — explicou Humannoel, que deixou a pergunta-chave no ar. E agora, como estão se sentindo?

— Sinto que cada dia aprendo mais a usar meus sentidos. A vontade de reconstruir e transformar Aridex está aumentando. Não quero mais ficar fechado na minha caixa, olhando pras janelas tecnológicas. Mas, ao mesmo tempo, estou triste porque não podemos ficar sem o oxigênio das garrafas. Sem programação, não tem oxigênio. O que podemos fazer? — indagou Mãozir.

— Mãozir, você foi o primeiro devorex que conheci em Aridex. Vejo que está sentindo a necessidade da mudança. Percebem o que está acontecendo? — convidou Humannoel.

— Não sei, não... Parece que o Mãozir não está nada bem! Está nervoso, ansioso... Parece até que está triste, incomodado com a nossa situação. Está mais fraco, sensível... Em tempos de guerra, isso é perigoso — lamentou um devorex.

— Você disse bem: “incomodado”. Quem está incomodado sai do piloto automático e se mexe, age. Virando-se para Mãozir, perguntou:

— Você sabe o que te incomoda?

— Eu quero viver fora da caixa, encontrar vocês. Desbloquear os sentidos, a fim de dar um novo rumo para Aridex, um novo sentido para nossa vida aqui — disse Mãozir.

— Agora que sabe o que quer, é hora de “contemplar com o coração para encontrar a solução”. Olhem para suas mãos e vamos, juntos, escolher seis ideias para pô-las em prática. Seis dedos, seis ideias — disse Humannoel, estimulando os devorex.

A criatividade fervilhou. Até que alguém sugeriu algo que parecia perfeito: mudar-se para a Terra com Humannoel.

Mas outro retrucou:

— Não funciona! Pois as mudas engarrafadas não sobreviveriam a essa viagem. Humannoel nos contou que demorou mais de sete pores do Sol para chegar aqui.

Outro devorex saiu com mais uma ideia que causou espanto:

— Vamos plantar as mudas que recebemos.

— Se plantarmos as mudas de nossas garrafas, vamos ficar sem oxigênio e morrer — retrucou, nervosamente, outro devorex.

Irritado, um integrante que ainda não tinha se manifestado gritou:

— Tudo isso é utopia! Não temos como acabar com os robôs assassinos e ladrões. Quem manda neste planeta é o Senhor das Máquinas: manda na água, nas mudas de

oxigênio, nas pílulas nutritivas e no poderoso exército de andróides. É impossível sair do sistema.

— Depois que começamos com essas rodas, estou me sentindo diferente. Experimentando coisas que não vou ter como repetir. Tudo que Humannoel nos mostrou existe apenas no primitivo planeta Terra. Enquanto eu não conhecia o gosto e o cheiro da natureza, eu não sentia falta. Agora que conheço, sinto falta e não tenho como resolver. Pra dizer a verdade, começar a fazer contato com os sentidos e os sentimentos está me deixando inquieto — completou outro devorex.

— Naturalmente! A inquietude acende a luz da criatividade. O incômodo provoca mudanças — disse o poeta.

— E agora, Humannoel? Você chegou, invadiu nossas caixas, nos atacou com abraços, acostumou-nos às rodas, despertou nossos sentidos, enfim... Virou nossa vida de cabeça para baixo e agora vai embora? — questionou o devorex mais tímido de todos.

— É. Fiz essa confusão toda mesmo propositalmente. Mas, se não fosse assim, vocês não iriam perceber que estavam vivendo aprisionados em caixas e escravizados pelo Senhor das Máquinas. Alienados, nem sabiam que o planeta de vocês estava por um fio e vocês todos à beira da morte — justificou-se Humannoel.

— Qual é a ideia então? — perguntou Mão-sir.

— Vamos continuar nos encontrando até a solução surgir. Alguém tem outra sugestão? — continuou Humannoel.

Um dos devorex pediu a palavra:

— De coração, queria que todos continuassem em contato com o real. Acredito que podemos mudar nossa história resgatando a natureza e a essência do nosso planeta. Pra que todos vivam, estou disposto a plantar a minha muda.

— Você está louco? — gritou um devorex.

Um longo silêncio se fez. Pela primeira vez, lágrimas rolaram dos olhos dos devorex. Humannoel, extasiado diante do gesto, interferiu:

— Louco? Não. Lúcido. O verdadeiro amor é feito de gestos, de ações concretas. Quando não se expressa, o amor não dá frutos. No planeta Terra só estamos vivos porque existem pessoas que, por amor, sacrificam suas vidas pelos outros. Como pais e mães dedicados, que cuidam de seus filhos, pra que eles possam crescer e viver bem. E parece que aqui também tem alguém tomado de amor e pronto a se sacrificar por Aridex.

— Então, são os sentimentos que nos levam a agir? — perguntou Mãozir.

Humannoel continuou:

— Exato! As emoções e os sentimentos são as sementes de nossas ações. Agimos impulsionados por eles. E são muitos os sentimentos. Tem os agradáveis e os desagradáveis. Mas todos são como o vento. Não temos como controlá-los. Têm vida própria.

— Se não podemos controlá-los, o que podemos fazer com eles? — indagou Mãozir.

— Apenas identificar os sentimentos, nomeá-los, pra, depois, lidar com eles. O mais desafiador é saber o que

fazer com os sentimentos desagradáveis pra nos sentirmos melhor, e não tomar uma atitude que possa prejudicar a nós e à natureza. Vocês se lembram dos sentimentos que já experimentaram nas rodas?

— Eu me lembro! Alegria, paz, amor, confusão, incômodo, medo... Mas bom mesmo é o sentimento de alegria, com esse nem precisamos lidar, só curtir e compartilhar! — disse com empolgação um devorex.

— Outro sentimento é a tristeza — disse um jovem devorex, ao cortar a empolgação do companheiro.

— Quando algo dá errado ou, às vezes, experimentamos alguma perda, ficamos tristes. A melhor solução pra tristeza é não deixar que estacione no nosso coração. É saudável fazê-la seguir seu curso: falar, escrever sobre ela, fazer poesia ou buscar ajuda. O medo é outro sentimento que gera desconforto. Temos medo quando nos sentimos ameaçados. Do que vocês têm medo? — Humannoel perguntou ao grupo.

— Tenho medo de que as garrafas acabem e a gente morra — disse um dos devorex.

— Ah! Mas, o medo também faz a gente ficar atento e se proteger do perigo. Quando estão na roda de encontro, vocês sentem mais ou menos medo? — perguntou o poeta.

— Menos medo. Quando estamos juntos, sinto coragem, confiança e força — respondeu Mão sir.

Humannoel clarificou:

— Sozinhos ficamos mais vulneráveis, e às vezes, em algumas situações, o medo chega a paralisar a gente.

Juntos, nas rodas, partilhamos o que sentimos, a coragem aumenta e nos libertamos do medo. Quero falar de outra emoção que nos põe nervosos e irritados: a raiva. Essa deve ser laçada e amarrada num poste, como boi bravo, até acalmá-lo. Quem deixa a raiva solta acaba fazendo coisas das quais pode se arrepender depois. Quando sentirem raiva, sinal vermelho: parem! — alertou Humannoel.

— Mas, como você disse muitas vezes, a raiva nos pega de jeito. Eu tenho raiva dos devorex que roubam nossas garrafas, minha vontade é de esga...

Nisso Humannoel interrompe subitamente:

— Calma, calma, calma... Sentimos raiva quando as coisas saem diferentes do que imaginamos, quando somos desrespeitados e invadidos pelo outro. Uma coisa é sentir, e isso não controlamos, e a outra é o agir com raiva. Quando a raiva chegar, use suas mãos não para atacar e sim para encontrar uma ideia para cada dedo sobre como lidar com ela sem prejudicar você e os outros.

— Tenho uma última surpresa para vocês.

Abriu seu Despertador dos Sentidos e retirou o pote de sementes que o Grande Guardião lhe havia dado.

— Aqui tenho sementes de várias espécies que vieram direto da Sementeira do Grande Jardineiro. Elas poderão produzir oxigênio em abundância. Basta plantá-las e cuidar delas.

— Estou sentindo alegria pelas sementes e tristeza, ao mesmo tempo, porque não sabemos plantar e muito menos temos água pra regar — falou um devorex, partilhando seus sentimentos.

Humannoel encerrou a roda sem dar respostas ao devorex.

CAP.12

O ÚLTIMO ENCONTRO

Humannoel acordou e percebeu que a saudade estava ali, ao seu lado, esperando-o com as lembranças de sua casa, dos amigos da Terra. Respirou e segredou a si mesmo: “saudade é amor que fica”. Sabia que em poucos dias os ipês-brancos começariam a florir.

Embora sua missão estivesse apenas começando, via que a cada dia os habitantes de ARIDEX aperfeiçoavam mais e mais suas habilidades de sentir.

Os devorex também estavam ficando feras em dar nomes aos sentimentos e a “contemplar com o coração para encontrar a solução”. Aprenderam a se reunir em rodas e a dialogar em busca do bem comum. Experimentaram a força transformadora da vida, o amor. Ainda em estado de “saudade”, Humannoel lembrou-se de Foguete, e ficou preocupado com o amigo que não vira mais.

— Por onde anda meu fiel companheiro? Como é que vou voltar para casa sem ele? Como pode ser tão descuidado a ponto de me esquecer completamente do meu Foguete? Pensou em voz alta e voltou a remoer lembranças dos apertos e das aventuras que passaram juntos, em viagens pela floresta.

Percebendo a aflição do amigo, foi a vez de Mãosir surpreendê-lo.

— O que foi, amigo humano? Sinto que algo o aflige?

— Sim — respondeu Humannoel melancólico.

— O que é? — indagou Mãosir.

— Ora, Mãosir, como eu pude ser tão distraído a ponto de me esquecer do meu tuiuiú.

— Seu tuiuiú? — perguntou, brincalhão, Mãosir.

— É, o Foguete! Não sei o que aconteceu com ele — disse Humannoel, aflito.

— Por que não aproveita e pergunta a ele mesmo? — respondeu Mãosir.

De repente, o poeta vê surgir o bico de Foguete por cima do ombro de Mãosir.

— Foguete! Não acredito! — disse Humannoel emocionado, abrindo os braços e sorrindo para acolher o amigo.

— Olha só! Você parece ótimo — disse o poeta, fitando o pássaro da cabeça aos pés.

— E de fato está. Enquanto você nos ajudava, eu cuidei dele, estava bastante abatido por conta da viagem, mas foi se recuperando aos poucos — disse Mãozir.

— Puxa vida, Mãozir, não tenho palavras pra agradecer. É muito bom saber que você cuidou bem do meu amigo — alegrou-se Humannoel.

— Era o mínimo que poderíamos fazer para alguém que colaborou tanto conosco e trouxe o bem mais precioso ao nosso planeta: a VIDA — complementou Mãozir.

Humannoel voltou-se, então, para o tuiuíú:

— Olhe, Foguete! Ali, naquela estrela bem distante, está nossa casa: a Terra. Amanhã voltaremos pra ver os ipês-brancos florescerem.

Antes de partir, o poeta preparou a última roda. Assim que todos se ligaram, retirou novos elementos do Despertador dos Sentidos: um pequeno saco com uma folha verde, uma folha seca amarelada, um cubo de gelo e uma flor, simbolizando as quatro estações da natureza.

— Quando cheguei aqui, todos se assustaram comigo por eu ser estranho. Mas, hoje, tenho a alegria de ver que, em pouco tempo, nos tornamos amigos. Esta é minha última roda com vocês. Antes de encerrá-la, quero falar das estações do coração e da mente. Dentro de nós, temos de viver o tempo das quatro estações. Não dá pra pular nenhuma, nem ficar parado só em uma.

Um devorex interrompeu seu raciocínio:

— Como é que podemos viver as quatro estações se aqui é sempre seco e frio?

— É verdade. Mas, quando as sementes germinarem e a natureza ressurgir, vocês vão poder observar a mudança no clima. Mesmo sem a natureza, as estações continuam acontecendo dentro da imensa floresta do coração.

— Humannoel está usando uma metáfora poética — explicou Mãozir aos companheiros.

— Isso mesmo, meu amigo. E também é verdade que as quatro estações da Terra já existiram aqui. Tenho esperança de que elas retornem. Enquanto isso, vocês podem usar seus aparelhos de conexão para pesquisar nas redes.

Nesse instante, um dos participantes da roda ligou seu aparelho e digitou Terra e as quatro estações. A imagem apareceu, holograficamente. Todos ficaram maravilhados com as belezas pontuais de cada estação.

Humannoel retomou a palavra:

— Perceberam pra que serve a tecnologia? Para que vocês a utilizem, e não para que ela domine vocês, aprisionando suas mentes. O poder de ligar e desligar está nas mãos de cada um.

E começou a falar das estações do coração:

— O coração da gente tem quatro tempos que parecem as estações da natureza: o tempo de perceber lembra o verão, quando a luz é farta e tudo se expande. O tempo de sentir, o outono, é quando a luz diminui, o colorido se destaca e ganha brilho. O tempo de pensar, o inverno, pede recolhimento, reflexão, interiorização. E o tempo de agir, a primavera, é quando tudo floresce e a natureza produz frutos. Cada pessoa é de um jeito e sempre prefere uma estação. É normal. Mas, para que tenhamos atitudes

saudáveis em nossas relações, precisamos respeitar o ciclo dessas estações, o tempo do nosso coração. Não devemos pular nenhuma etapa nem estacionar numa mesma. Funciona assim: primeiro tempo, perceber o que está acontecendo e quais as sensações. Segundo tempo, sentir e dar nome aos sentimentos. Depois de perceber e sentir, vem o tempo de pensar, refletir sobre o como e o que fazer com o que sinto. E, por último, vem o agir, que é o fruto maduro das outras estações. As ideias, então, florescem, abrem-se para o mundo, são comunicadas ou tornam-se uma ação criativa no universo. Esse ciclo: Perceber — Sentir — Pensar — Agir, acontece a cada encontro, e é a fórmula milenar das rodas e do contato saudável com a vida.

Um devorex perguntou:

— Se é tão antiga e simples, por que perdemos essa habilidade? E vi que lá na Terra estão deixando de fazer rodas. Por quê?

Humannoel disse:

— Estamos a cada dia nos encontrando menos porque colocaram em nossa cabeça que cada um precisa ser totalmente independente e se virar sozinho. Uma das piores sensações é sentir-se só. Ficamos frágeis e buscamos algo que nos dê prazer para diminuir o incômodo da solidão. Daí surge o vício do consumo, que aliena e traz prazeres efêmeros. E, assim, nos tornamos todos devorex também, sem querer ofendê-los!

— E por que vocês na Terra, assim como nós, não voltam a se encontrar em rodas? — perguntou Mão sir.

— Na verdade, as pessoas não percebem o que está acontecendo. Para comprar o que consideram essencial pra

felicidade, a fim de se sentirem bem, perdem a vida tentando ganhar dinheiro. E o tempo que resta ocupam com distrações virtuais. Logo, não sobra tempo nem espaço para encontrar as pessoas. Muitos estão se acostumando com essa rotina e simplesmente não querem mudar. O encontro é transformador, provoca mudanças — esclareceu Humannoel.

Mãosir concluiu:

— O que percebo, agora, é que as mudanças só ocorrem quando trocamos a solidão pela união de forças! E quando usamos os aparelhos tecnológicos como ferramentas pra nos ajudar a viver melhor, sem deixar que nos escravizem. Mais tarde quero contar o que descobri em minhas pesquisas na rede, para nos ajudar.

Humannoel prosseguiu:

— Vocês começaram a amadurecer, a colher bons frutos do coração. Surgirão ideias que irão transformar Aridex por meio das rodas.

Ao abrir, mais uma vez, o seu Despertador dos Sentidos, pegou uma fruta amarela e vermelha, muito bonita. Cortando a fruta em pequenas fatias, passou-as para que todos comessem. Quando os devorex sentiram o gosto ficaram encantados com a textura e o doce que saía daquele fruto.

O poeta perguntou se gostaram. Todos, extasiados, responderam que sim. Então, o poeta disse que a fruta se chamava manga. E tirou outra do Despertador dos Sentidos. Só que essa tinha uma coloração diferente, era bem verde. Cortou-a e dividiu-a entre todos. Esperou que provassem e

perguntou novamente se haviam gostado. Dessa vez, a resposta foi diferente:

— Não, a primeira era muito melhor. Esta tem menos gosto, é azeda e sem graça.

Humannoel continuou o experimento:

— Tenho aqui mais uma manga. Vou cortá-la em pedaços para vocês.

A terceira tinha outra cor: era de um amarelo mais forte, ligeiramente avermelhado, com algumas manchas pretas. Depois de distribuir os pedaços, voltou a perguntar o que achavam. Um devorex respondeu:

— A primeira é a melhor. Esta está doce demais... aliás, deixa um gosto estranho na boca. Não é saborosa como a primeira.

Humannoel, então, respondeu:

— Vocês provaram três mangas da mesma árvore. O gosto muda completamente, de acordo com o tempo em que é colhida: a primeira estava madura, colhida no tempo certo; a segunda estava verde, ainda não havia amadurecido, precisava um pouco mais de tempo pra ser colhida; e a última, estava estragada, pois o tempo da colheita havia passado.

— Como é bom o fruto que está maduro, colhido no tempo certo! — disse um devorex.

— É... é muito bom! As palavras, assim como as ações, têm um tempo certo pra serem colhidas e saboreadas. Pra agirmos no tempo correto, precisamos passar pelas quatro

estações. Assim, colhemos o fruto doce de nossas ações no mundo. Certas pessoas, quando estão muito ansiosas e querem acelerar a vida, passam do verão para a primavera, antes de fazer contato com o que sentem e pensam. Percebem e agem imediatamente. Assim, acabam, muitas vezes, errando e se arrependendo do que fizeram. Outras percebem, sentem e pensam, mas ficam paradas patinando, pensando... com medo de errar. Acabam não agindo no tempo certo; o fruto fica passado e apodrece. E, por último, há pessoas que não querem ser gente, querem viver como máquinas e não fazem contato com os sentimentos. Racionalizam tudo e se tornam pessoas frias, com o coração congelado. O importante é saber que ninguém é só de uma estação, todos estamos em construção, não somos uma obra acabada. Todos podemos mudar a nossa forma de estar e vivenciarmos com fluidez as quatro estações.

Nesse momento, emocionado, um dos integrantes do grupo disse:

— Humannoel, essa história me fez chorar. Percebi que chegou o tempo de você partir. Pensei em desistir de vir pras rodas. Agora, consigo enxergar como as nossas ações transformaram este planeta em um deserto frio e seco. O Despertador dos Sentidos nos despertou para a vida. Juntos, queremos frutificar e transformar Aridex num lugar de abundância e beleza. Temos muito que agradecer e celebrar, mas ainda não sabemos o que fazer com as sementes...

— “Contemplando com o coração, encontrei uma solução.” Nas minhas pesquisas na rede, li que a água vem de poços, profundos buracos no solo. O problema é cavá-los. Não temos como fazer, a não ser que nos revezemos e juntos comecemos a cavar. Enquanto isso, se cada um abrir mão de algumas gotas de água por dia, conseguiremos plantar

uma semente por vez e, unidos, conseguiremos cuidar delas até encontrarmos água suficiente pra plantar uma grande floresta — disse Mãozir.

Naquele momento, todos abriram um sorriso. Fizeram pás com as máquinas jogadas nas dunas e começaram a cavar.



CAP.13

A MEDALHA

Chegada a hora de partir, Humannoel manifestou sua gratidão pela experiência em Aridex.

— Fico muito feliz de perceber que o Despertador dos Sentidos conseguiu acordá-los e tirá-los das caixas tecnológicas. Durante o tempo em que fiquei com vocês, aprendi muito. Aliás, nas rodas, todos aprendemos. Amanhã, quando o dia nascer, voltarei para a Terra.

Humannoel concluiu:

— Percebi, enquanto estive em Aridex, que também estava acomodado na floresta. Preciso ir para as cidades, ajudar meus irmãos a espalhar as rodas de encontro pela Terra. Quem sabe, assim, encontremos ideias pra transformar as cidades em FLORESTAS URBANAS.

Humannoel disse suas últimas palavras:

— Para reconstruírem Aridex, precisarão continuar com as rodas. O encontro é que desperta o amor. Usem o Despertador dos Sentidos para se conectarem com os sentimentos do coração. Deem tempo para cada estação até o fruto da ação ficar no ponto, ou seja, maduro. Fiquem atentos e cuidem das sementes, elas se tornarão grandes árvores.

Finalizaram essa roda com um grande abraço de tronco, em que todos entrelaçaram os braços ao mesmo tempo. Ficaram juntos alguns minutos, como se pertencessem à mesma árvore, seres de um mesmo jardim. Após as despedidas, Mãozir conduziu Humannoel e Foguete ao local de partida.

— Bem, meu amigo, é isso. Foi um prazer tê-lo conhecido e ajudado o seu povo — disse Humannoel, estendendo a mão.

— Imagina, o prazer foi todo nosso. Mas, antes que vá, uma pessoa gostaria de vê-lo — disse Mãozir.

— Não vai dizer que já se esqueceu de mim, ó Humannoel?
— o Grande Guardião perguntou.

— Grande Jardineiro! Jamais! — respondeu o poeta, vibrante, ao ver o amigo surgindo diante de si.

— Humannoel, teu trabalho merece nossa gratidão e reconhecimento. Aceite esta medalha, dos Jardineiros do Bem — disse o Grande Guardião.

— Com a sua simplicidade e humildade, e o seu jeito “de fazer rodas”, você semeou sabedoria em nosso planeta, além de nos ajudar a encontrar, por meio de nossas próprias ideias, formas de resgatar nosso meio ambiente, destruído pelo egoísmo e pela arrogância — disse Mãozir.

— Muito obrigado, Grande Guardiã. Muito obrigado, Mãosir. Vivemos uma aventura e tanto, não é mesmo? — disse Humannoel, com a voz embargada.

E continuou: — Preciso ir. Ainda quero ver meus amigos ipês-brancos florirem. Foguete, está na hora! — disse Humannoel, subindo nas asas de seu tuiuiú.

— Adeus, Mãosir — disse Humannoel.

— Adeus, não. Até qualquer dia, meu amigo — respondeu Mãosir.

— Avante, Foguete! — disse Humannoel para o pássaro, que começou a bater asas. Quando se deu conta, já estavam voando por entre as estrelas com o Grande Guardiã.

Chegando à atmosfera da Terra, foi a vez de se despedirem:

— Aqui está, Humannoel, o seu planeta. Conforme prometido, entregue são e salvo em casa.

— Muito obrigado, Grande Guardiã.

— Até breve, meu amigo!

— Até breve, respondeu Humannoel, enquanto o Grande Guardiã desapareceu de vista. Minutos depois, Humannoel e Foguete estavam de volta à floresta, a contemplar os ipês-brancos. Lembrou-se, então, de seus professores e pensou em voz alta: “O que seria do mundo sem os educadores, verdadeiros Despertadores dos Sentidos?”

No mesmo instante, do outro lado da galáxia, em Aridex, os devorex encontraram uma caixa, virada para baixo, com o seguinte recado: “Enquanto estive aqui, todos os dias abria

mão de uma gota de água e pingava nesta semente. Levantem a caixa e vejam o que uma pequena semente e uma gota de cuidado diário podem fazer.”

Ao levantarem a caixa, deram de cara com uma muda de ipê-branco, de 30 centímetros. No bilhete, Humannoel finalizou: “Meus amigos, voltarei para vê-los quando este ipê vestir-se de branco, para o seu batizado!”

Assim, os devorex transformaram-se em jardineiros e multiplicadores de rodas. O verde retornou a Aridex e, pouco a pouco, também o AR.



Quer saber o que aconteceu com o Senhor das Máquinas? Fechado em seu egoísmo, odiava as rodas e os encontros. Queria que todos voltassem a viver nas caixas. Quando descobriu que os devorex plantavam sementes para reflorestar Aridex, começou a tramar um plano para matar as árvores que estavam crescendo. Porém, juntos, os jardineiros tornaram-se fortes. Enraizados nas relações de amor, lutaram dia após dia, para que o planeta voltasse a florescer.





ALEX
BACHEGA

Nascido em Presidente Venceslau-SP, Alex Bachega foi criado em Campo Grande/MS. Formou-se em Administração e Psicologia e atua no segmento de comunicação desde 1995, à frente de projetos de rádio. Foi apresentador de programas televisivos e também atuou como piloto de corrida. Formado em Gestalt-terapia de família, casal e sistemas íntimos, atua como mediador de grupos de rodas de leitura compartilhada e ampliação de consciência.



LUNA
BUSCHINELLI

Artista grafiteira, tem o desenho como ferramenta de expressão desde criança. Seu trabalho lúdico e colorido nos leva do real ao imaginário. Aos 15 anos, começou a grafitar e colorir as ruas da capital paulista. Aos 17 anos, realizou sua primeira exposição solo, muito elogiada pela crítica.



www.blkdigital.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

Bachega, Alex - Buschinelli, Luna

O Despertador dos sentidos / Alex Bachega; Luna Buschinelli. –
1. ed. – Porto Alegre : Simplíssimo, 2017.

Recurso digital : il.

Formato: ePub2

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso:
World Wide Web ISBN 9788593981005

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Educação Ambiental. 3. . 4. . I.
Título.

CDD: B869.3

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](#)
